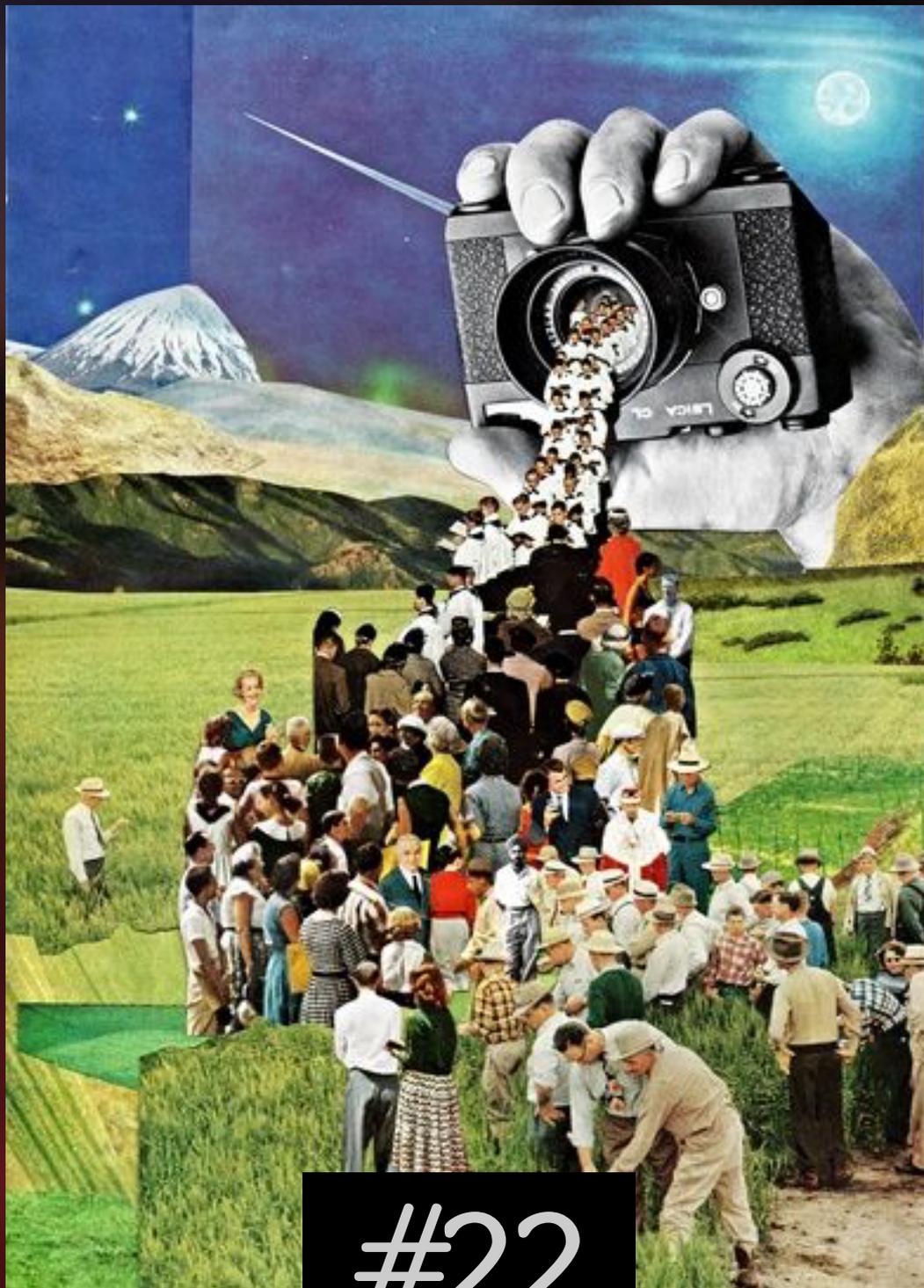


lapauz

Publicação dos
Associados do IPB

Ben Giles - Through the lens - 2016.



#22



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)





PUBLICAÇÃO DOS ASSOCIADOS DO IPB

ISSN 2675-4444

Número 22 – dezembro 2020.

Publicação do Instituto de
Psicanálise da Bahia

Av. Anita Garibaldi, 1211. Ed. Central Pinheiro.

Ondina. CEP 40170.130. Salvador, Bahia.

Telefone(s): 71 3235 9020 | 713235.0080

<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus/>

EDITOR

Rogério de Andrade Barros

CONSULTORA

Mônica Hage

CONSELHO EDITORIAL

Bernardino Horne, Carla Fernandes, Iordan Gurgel, Luiz Felipe Monteiro, Ethel Poll

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Bruno de Oliveira, Camila Abreu, Júlia Solano, Luiza Sarno, Rogério de Andrade Barros, Vanessa Leite, Wilker França

REVISÃO

Bruno de Oliveira, Camila Abreu, Júlia Solano, Luiza Sarno, Rogério de Andrade Barros, Vanessa Leite, Wilker França

CAPA E EDITORAÇÃO

Bruno Senna

DIRETORIA DO IPB - BIÊNIO 2019-2021

Mônica Hage (Diretora Geral)

Carla Fernandes (Diretora de Ensino)

Marcelo Veras (Diretor de Planejamento e Finanças)

CONSELHO DELIBERATIVO DO IPB BIÊNIO 2019-2021

Maria de Fátima Sarmiento (Presidente)

Ana Stela Sande (Secretária)

Bernardino Horne (Consultor)

Mário Nascimento

Paulo Gabrielli

Sônia Vicente

DIRETORIA DA EBP-BAHIA BIÊNIO 2019-2021

Analícea Calmon (Diretora Geral)

Ana Stela Sande (Diretora de Biblioteca)

Sônia Vicente (Diretora de Ensino e Intercâmbios)

Marcelo Veras (Diretor de Planejamento e Finanças)

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores.



SUMÁRIO

EDITORIAL	06
ENTREVISTAS	
O Outro que segue o impossível de dizer <i>ENTREVISTA COM FERNANDA OTONI BRISSET</i>	10
A realidade virtual na experiência analítica <i>ENTREVISTA COM SANDRA GROSTEIN</i>	17
TEXTOS	
(Autor)retrato, um impossível de representar <i>ALESSIA SILVA FONTENELLE</i>	21
O delírio da tecnociência: um corpo sem substância <i>ROGÉRIO DE ANDRADE BARROS</i>	26
A catástrofe saiu da tela: a experiência do infamiliar entre a ficção e o Real <i>GIOVANA REIS MESQUITA</i>	29
Édipo, histeria e neurose sem Édipo <i>FÁTIMA SARMENTO</i>	34
Ultrapassamos os 28 minutos <i>GUSTAVO GUSMÃO</i>	41
2020 – O despertar de um sonho <i>TÂNIA PORTO</i>	46
O Feminino, mais, ainda, banhado a luto e melancolia: des-fiando pedaços de Elena <i>DELZA ELOY DE SANTANA GONÇALVES</i>	49
Não fazemos mais (amor) como antes <i>GLAUCO DE CARVALHO MORAIS</i>	53
O Sinthoma como escritura do real <i>IVONE MAIA DE MELLO</i>	57

Considerações sobre o atendimento <i>on-line</i>	62
<i>PEDRO ROBERTO IVO DAS NEVES</i>	
O abismo do desejo	68
<i>GRAZIELA VASCONCELOS</i>	
INTERCÂMBIO	
O acolhimento psicanalítico no intervale-capl: princípios e aplicações	74
<i>CATHERINE MEUT, MATHIEU SIRIOT</i>	
“(Um)demia”: novas lições de um despertar?	81
<i>PAULESKA ASEVEDO NOBREGA</i>	
DISCIPLINA DO COMENTÁRIO	
A sessão obsoleta e a presença do analista	88
<i>MARCELO MAGNELLI</i>	
No meio da pandemia tinha um analista	92
<i>BRUNO DE OLIVEIRA</i>	
O analista entre o divã e as telas	96
<i>VANESSA SERPA LEITE</i>	
RESENHAS	
Gênero e psicanálise	100
<i>WILKER FRANÇA</i>	
Mulheres e discursos	102
<i>BRUNA DO VALE</i>	
Que nos restou de duas conversações de laboratórios, <i>on-line</i>?	105
<i>DANIELA NUNES ARAUJO, VANESSA SERPA LEITE</i>	

EDITORIAL

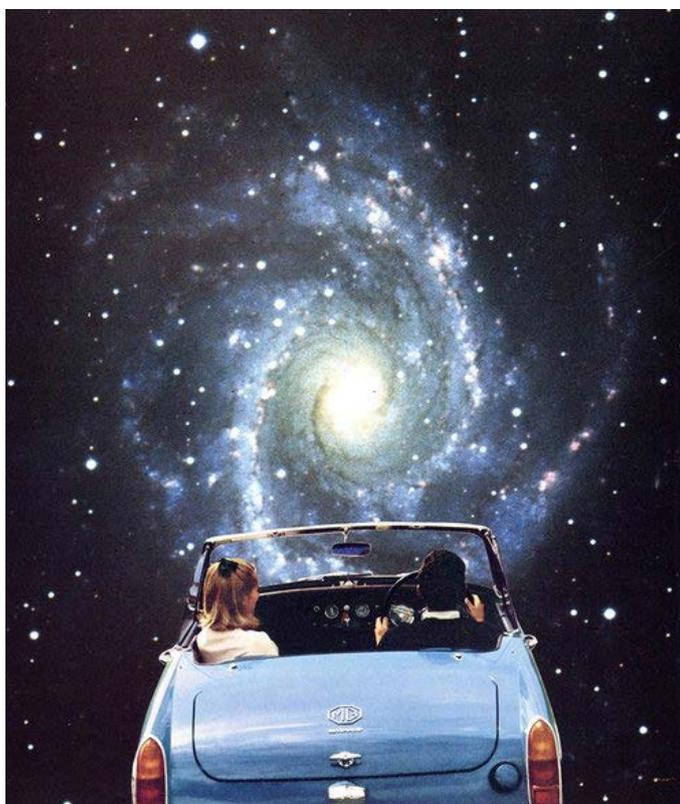
EDITORIAL

Rogério Barros (Editor)

Pandemia! Covid-19! Um *stop* no mundo organizado pela nossa realidade fantasiada, e uma nova normalidade já se apresenta, não sem efeitos de estranhamento. Fomos invadidos pela tecnologia para nos mantermos enlaçados em nossos desejos decididos pela causa analítica e passamos, agora, aos atendimentos, supervisões e atividades de formação no modo *on-line*. O espaço de um lapso se mantém nessas novas trincheiras,

ou foram reduzidos a *delays* da intermitência da internet? Como manter viva a teoria da clínica e os espaços de investigação epistêmica na psicanálise de orientação lacaniana em tempos de isolamento de corpos?

Foi partir dessas e de tantas outras inquietações que a edição de número 22 inicialmente foi embrionada. Entretanto, lançada a chamada para submissões, percebemos que a despeito da contingência viral que reduziu os encontros presenciais o desejo de saber e a causa que



Joe Webb - Selected collages - Journey

incita a escrita se manteve viva no Instituto, garantindo o espaço da Lapsus como um condensador de artigos de temas livres e resenhas de livros. Apocalíptica, mas nem tanto, esta edição se realiza na aposta de cada autor na escrita singular, poesia possível em tempos de um real que nos agita extimamente.

Abrimos a edição com as entrevistas feitas pela Equipe Lapsus à Fernanda Otoni Brisset e à Sandra Grostein, membros da EBP e da AMP, sobre as peculiaridades da psicanálise lacaniana no modo *on-line*.

Na seção de textos, reverbera a pluralidade dos interesses. Alessia Fontenelle, a partir da arte auto retratista de Frida Kahlo, sinaliza o impossível de representar na imagem, testemunhando a estranha relação que se estabelece entre a pintora e a imagem do corpo devastado. Um corpo sem gozo, pacificado e silencioso é trabalhado por Rogério Barros como o delírio da tecnociência atual. Giovana Mesquita nos convida a apreender o quê de infamiliar transborda da tela do cinema através do real imposto pelo covid na atualidade. Fátima Sarmiento aborda o Édipo, a histeria e a neurose sem Édipo no tempo do declínio da função paterna. Ricardo Gusmão afirma que os momentos iniciais do filme apresentam a trama, momento de fisgar o público, assim como atual situação pandêmica, no qual ultrapassamos os momentos iniciais, a trama comum, e nos deparamos com o estranho e o imponderável. Tânia Porto interpreta o momento da pandemia do novo coronavírus como um encontro com o insuportável do real, assim como se dá no despertar dos sonhos, tal qual Lacan o propõe. Delza Gonçalves analisa o documentário “Elena” da Petra Costa a partir da psicanálise lacaniana ressaltando o luto e o feminino. Glauco Moraes destaca as mutações do amor no discurso capitalista como uma nova e fundamental forma de laço diante da horizontalização da sociedade. Ivone Mello, ao abordar o tema do *sinthoma*, o articula a escritura do real, fazendo com que o trabalho clínico com a palavra exija um mais além do sentido. Pedro Ivo das Neves, em seu ensaio, traz considerações sobre atendimentos *on-line* pautados nos princípios da psicanálise de orientação lacaniana, apontando que seus efeitos ainda serão recolhidos *a posteriori*. Graziela Vasconcelos faz um percurso articulando a questão da angústia em tempos pandêmicos, os sintomas obsessivos e o desejo, que ela propõe como um antídoto.

Na seção de Intercâmbio, Catherine Meut e Mathieu Siriot apresentam os princípios e aplicações da psicanálise de orientação lacaniana no acolhimento da *intervale-cap1*, dispositivo parisiense de psicanálise aplicada. Pauleska Nobrega, na sua produção, aborda que o gozo vivido no laço social de uma pandemia não é o mesmo de antes.

Sobre o método da Disciplina do Comentário, Marcelo Magnelli, Bruno de Oliveira e Vanessa Serpa Leite retomam questões sobre o novo normal psicanalítico *on-line*, abordando os temas da sessão obsoleta, do divã e da presença do analista a partir de textos de Antelo, Alberti e Miller.

Por fim, fechamos esta edição com as resenhas de Wilker França, sobre o livro *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan* de Clotilde Leguil; Bruna do Vale, sobre o livro *Mulheres e discursos* de Marie-Hélène Brousse; e Daniela Araújo e Vanessa Leite sobre duas conversações de laboratórios do CIEN, realizados de modo *on-line*.

Desejamos a todos uma boa leitura!

ENTREVISTAS

O OUTRO QUE SEGUE O IMPOSSÍVEL DE DIZER

Entrevista com Fernanda Otoni Brisset

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise

Equipe Lapsus (EL):

O que a prática analítica *on-line*, alcançando a subjetividade da época pandêmica, nos ensina sobre os princípios da psicanálise de orientação lacaniana?

Fernanda Otoni Brisset (FOB):

A pandemia está mudando a rotina do mundo, isto é um fato!

Passamos a experimentar, em tempo real, sem preparo prévio ou manual de instrução, uma desordem dos costumes, instalada em defesa a irrupção viral, que abriu o mundo à uma espécie de mutação do laço social que hoje se faz mergulhado na tecnologia digital. A humanidade parece atravessar um umbral rumo a uma nova era onde a tela será cada vez mais uma janela do laço desse mundo.

Muitas questões eclodem dessa nova era e alcançam a prática analítica. Quais serão as consequências do que se faz através de conexões *on-line*, sem a presença dos corpos? O que se perde, o que se alcança? Quais são os limites e as possibilidades?



Eugenia Loli - On the Road to the Akashic Library - 2018

Tal pergunta também se estende a diversos domínios. Por exemplo, no campo da Educação à Distância (EaD): como transmitir, sem a presença dos corpos, as ressonâncias, ecos, mal-entendidos, chistes, caretas e equívocos que participam do impossível de ensinar? É um debate atual. O *home-office* substituirá o trabalho presencial? Lembro da provocação de Mario Goldemberg: com a quarentena, o sexo *on-line* seria um substituto à altura para os celibatários? São perguntas que verificam a função da presença dos corpos sempre que está em jogo a transmissão de um impossível.

Parece que a pandemia nos faz constatar e nos ensina, mais do que antes, de que tem algo que se passa no mundo do falasser que, para acontecer, é necessário uma naca de corpo... uma certa materialidade.

O mundo pandêmico força a psicanálise a se servir dos dispositivos *on-line* para prosseguir com a prática analítica quando as relações, sob a forma dos corpos em presença, foram suspensas como resposta à nova desordem mundial devido à pandemia COVID-19. Foi num piscar de olhos a eclipse do instante de ver! Face à exigência sanitária do afastamento houve, em alguns casos e situações clínicas, um deslocamento dos atendimentos presenciais para atendimentos *on-line*. Mas, quais seriam os limites e o alcance das sessões analíticas na ausência dos corpos físicos do analisante e do analista?

Éric Laurent (2018), na conferência de Barcelona, aponta que “o analista não deve esquecer que não é seu ser que move a operação analítica” (p. 55). Citando Lacan (1977/1979), do Seminário 24, sublinha que “aquele que sabe é, na análise, o analisando e o analista entra aí como um Outro que segue (suit) (p. 18)”. Então, como segui-lo em tempos de pandemia? Como operar para tratar o impossível de suportar que essa situação inédita ativa? *Cada caso é um caso* é a resposta que salta da língua, mas não basta concluir tão rapidamente. Cada caso é um caso só e somente se garantirmos na experiência, um por um e em cada sessão, uma prática sem *standard*, mas não sem princípios, tal como Éric Laurent (2006) soube proferir, tornando evidente o que nossa experiência é testemunha:

A psicanálise é uma prática da fala. Seus dois parceiros são o analista e o analisante, presentes a uma mesma sessão psicanalítica. [...] Quando o analisante fala, ele quer,

para além do sentido daquilo que diz, alcançar no Outro o parceiro de suas expectativas, crenças e desejos. Ele visa o parceiro de sua fantasia. [...] O analista se abstém de agir em nome dessa fantasia. [...] O laço da transferência supõe um lugar, o “lugar do Outro”, que como diz Lacan não é regulado por nenhum Outro específico. É aquele no qual o inconsciente pode se manifestar na sua maior liberdade de dizer e, por tanto, de experimentar seus logros e dificuldades. [...] A experiência da psicanálise não tem um protocolo técnico, a experiência da psicanálise tem apenas uma regularidade: a da originalidade do cenário através do qual se manifesta a singularidade subjetiva. Não sendo uma técnica se trata de um discurso que encoraja cada um a produzir a sua singularidade, sua exceção (s/p).

Manter esses princípios orientadores do ato analítico é a nossa orientação. A experiência analítica nos ensina que a substância material conectada à linguagem, esse *Um*¹, se passa quando se fala e é por essa via que falar a um parceiro participa da transmissão de um impossível de dizer. Cabe ao analista garantir a originalidade do cenário para que cada um possa, assim, manifestar sua singularidade subjetiva. O analista está ali como um Outro que segue esse *Um* que ressona e desliza sob rodinhas segundo a perspectiva do *sinthoma* de cada um.

EL:

A função do analista como um Outro que segue o esforço de dizer o indizível se modifica face ao uso da tecnologia?

FOB:

Certamente, a função do analista continua sendo a de sempre. Em um mundo Outro que descortina a cada dia o uso de novos recursos, a função do analista continua a ser, mesmo à distância, oferecer-se como uma presença, *semblant de objeto*, que numa parceria discreta segue o falasser no seu esforço em alçar um saber fazer com sua falta a ser.

¹ A homofonia do “esse Um” nos remete ao S1. Lacan o soube dizer ao propor o conceito de *materalité*.

Em tempos de pandemia, o que verificamos é que a rotina do mundo que dava abrigo ao real se rompeu. A fantasia de um mundo familiar deu lugar a uma inquietante infamiliaridade que perdura. As referências cotidianas não servem mais de guia, as tabuletas ficaram ilegíveis, e não há como assegurar o que será o amanhã. Nesse cenário, o Outro também sofre mutação. Mais além do Outro que não existe, neste instante, o que concebemos como Outro, a saber o que concebemos como a rotina do *mundo*, rasga-se, esgarça-se e se mostra, para todos e para cada um, sob a forma do que Lacan como o “Outro rompido” (LAURENT, 2006, p. 56).

As estabilizações ficcionais com as quais cada um erigiu sua defesa e teceu suas amarrações estão perturbadas. A “ordem prévia feita da rotina do discurso pelo qual as significações se mantêm, se evanesce” (MILLER, 2011, s/p). O gozo entra em disrupção. Mais do que nunca, a radicalidade de um Outro rompido eclode desse real e precipita em um *trou*, um furo, um vazio subjetivo que vibra perturbado pela instabilidade de *lalíngua* face ao *troumatisme*². O Outro está rompido e nesse vácuo, “no caminho do real, encontramos o Um, que é o resíduo da desconexão” (MILLER, 2007, p. 154), da ruptura que advém como uma disrupção.

E é justamente nessas situações, tal como podemos ler em Lacan (1977/1979), que a experiência analítica se mostra como um “fazer de verdade” (p. 18), esclarecendo a função do analista. Se, por um lado, a disrupção de gozo coloca em evidência o Outro rompido, por outro lado, o Um do gozo daí desalojado tensiona, força um *efeito-sentido*. Ele evoca o analista a um *fazer de verdade*, ou seja, como um Outro que segue o falasser em seu esforço de um *fazer novo* entre o Um, o furo e seu laço. Instante em que esse impossível de apreender, quiçá, força a passagem mais além do trauma. Força a passagem e esse *Um* se desliza de ficção a ficção.

A experiência analítica, durante a pandemia, tendo a considerá-la como uma instalação portátil que se oferece como um dispositivo que pode ser acionado, segundo a forma e o tempo de cada um. Em alguns casos, guardar um intervalo pode ser preciso para manter a válvula da

² Troumatisme é um termo criado por Lacan (lição de 19/02/1974), a partir do jogo de palavras em francês (trou – furo e traumatisme), que nos dá a dimensão do trauma como um buraco no interior do simbólico.

inconsistência em funcionamento, lá onde o Outro tende a consistir. Em outros casos, se um cálculo ou por experiência, sabemos que na ausência da sessão analítica uma desamarração se precipita, pois a parceria analítica funciona ali como um fio conector do laço social, o intervalo não pode se prolongar ao infinito. Para alguns outros, informar a suspensão temporária do atendimento e se colocar à disposição pode ser uma forma de estar ao lado, simplesmente, aguardando o uso que o falasser fará do parceiro analista que o segue. Em todo caso, o analisante responde a seu modo à oferta analítica, e o analista o segue o em seu esforço de alçar um dizer, um saber fazer que possa ancorar esse *Um* que subsiste fora da simbolização.

Nesse universo variável, a clínica das amarrações demonstra sua plasticidade no tratamento do real e orienta o trabalho nesse tempo de desordem. Alguns decidem, ou tentam, de seguir qualquer coisa do trabalho analítico através via conexões telefônicas e audio-visuais, uns chamam intermitentemente, outros aguardam a rotina voltar para retomar as sessões, dentre outras eventualidades que surgem desse inusitado. O mundo mudou, mas o trabalho do sujeito continua sendo o de fazer com o furo que o constitui. A função do analista continua sendo a de instalar sua presença ao seu lado, como um Outro que segue, tão um a um e tão caso a caso, segundo os recursos materiais e, sobretudo, subjetivos do falasser seguindo sua originalidade sinthomática.

EL:

Como pensar a presença do analista e do seu corpo nas sessões *on-line*?

FOB:

Encontro no relato de alguns colegas uma orientação na direção da resposta a esta questão.

Florencia Shanadam, em seu texto *Modos de presença*, responde assim :

¿Podría haber seguido en la vida si él no me hubiese atendido por teléfono todos los días cuando mi madre y mi hermano murieron inesperadamente? No lo sé. ¿Po-

dría haber ido al encuentro del buen agujero si él no me hubiese atendido por Skype, sosteniendo la mirada en la pantalla, diariamente por más de un mes, durante la travesía por la angustia más radical en el tiempo de la destitución subjetiva que dio paso al final? No lo creo.

Avi Rybnik conta que uma de suas pacientes lhe surpreendeu ao dizer que:

Es más fácil para mí hablar en análisis por teléfono que en la clínica con usted presente. Puedo atreverme a decir cosas que a veces me abstengo de decir en presencia”. En ese momento comprendí que había un problema: ¡es demasiado fácil! Elude algo de lo real, que Freud ya percibió y por ello abandonó la hipnosis.

Com Antônio Di Ciaccia, encontrei ressonância quanto as razões para persistir na oferta analítica, mesmo com o distanciamento dos corpos, posto que há uma aposta contida neste ato. Perguntaram a Di Ciaccia sobre a prática analítica em tempo de coronavírus e ele respondeu:

Traduzo Lacan de quem ainda recordo a voz. O que tem a ver com minha função de analista pude dizer aqueles que procuraram por mim que, ainda que seja à distância, estou presente. E ele acrescenta: mas ainda tenho que dizer que, mais do que por eles, com frequência eles estão preocupados comigo. Não creio que seja porque sou parte da população preferida do coronavírus, mas porque é isso que caracteriza a transferência: quando o Outro parece estar menos presente o sujeito a ele se agarra mais ainda.

Eis aí a função do analista, sua presença e corpo, mesmo à distância! Será por vias assim que alguma ficção pode vir restaurar um certo saber fazer com esse Outro rompido. Soluções fora do *standard* se servem de recursos tecnológicos modernos, gambiarras, bem como obje-

tos à moda antiga.

Nessa clínica que se presentifica entre corpos a distância, modular o uso da voz, do olhar como presença real do analista, parceiro de gozo, torna-se primordial. A supressão do encontro entre os corpos não suspende a transferência do *Um*. Do lado do analista, a oferta segue sem destituir-se do corpo, o que evoca a função do desejo do analista como causa irreduzível. Da libra de carne exigida, Lacan (1962-1964/2005) insiste que “convém lembrar que ela é corpo e que somos objetos, o que significa que não somos objetos do desejo senão como corpo” (p. 237).

O que exige do analista um bom uso da heresia para evocar, com seu ato, o que reverbera, a partir desse insondável do ser, a favor de um laço possível e seguindo a política do *sinthoma*. Se o *sinthoma* porta a ortodoxia do *Um*, sempre o mesmo, a heresia está na forma como esse *Um* se enoda, e o analista é um *Outro* que segue e diz sim ao modo como cada um enlaça o impossível de apreender ao RSI. É quando a experiência analítica testemunha a vocação herética do gozo e, no campo das amarrações, vê ressoar a subversão necessária, mas sempre contingente, a favor do que é, do que há, e insiste.

Sigamos !

Tal aposta analítica é a nossa linha guia.

Oxalá !

Referências

LACAN, J. Le séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre. Texto estabelecido por J.-A. Miller. Lição de 10 maio de 1977. In: *Ornicar?*, Paris, Navarin, n. 17-18, p. 18, 1979.

LACAN, J. Le séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre. Texto estabelecido por J.-A. Miller. Lição de 10 maio de 1977. In: *Ornicar?*, Paris, Navarin, n. 17-18, p. 18, 1979.

LACAN, J. O seminário, livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAURENT, É. Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 79, julho/2018.

LAURENT, É. Princípios Diretores do Ato Analítico, 2006. Disponível em: <https://www.wapol.org/pt/miembros/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=5&intEdicion=27&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=268&intIdiomaArticulo=1>. Acesso em 04 out 2020.

MILLER, J.-A. L'orientation lacanienne: L'Être et l'um. Curso pronunciado no Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII. Lição de 23 de março de 2011. (Inédito).

MILLER, J.-A. L'orientation lacanienne: L'Être et l'um. Curso pronunciado no Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII. Lição de 21 de março de 2007. (Inédito).

A REALIDADE VIRTUAL NA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA

Entrevista com Sandra Grostein

AME, AE em exercício. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise

Equipe Lapsus (EL):

É possível pensar o ato analítico nas sessões *on-line*?

Sandra Grostein (SG):

Não. Tal qual nós entendemos o ato analítico, não poderíamos incluí-lo nesta modalidade de trabalho. Para justificar minha resposta, é preciso localizar melhor o que Lacan chama de ato analítico. Uma primeira diferença importante está entre o ato e o fazer. Eles não se confundem, embora, na linguagem coloquial, ambos estejam associados a uma ação. Outra distinção importante deve ser feita entre o ato e a motricidade: não se trata, portanto, de uma ação motriz, embora, dependa do agir, que na modalidade virtual, evidentemente, é da ordem do impossível. O ato analítico se aproxima mais do ato falho, impossível de se prever, programar, preparar. Contamos, portanto, com o elemento surpresa recuperando seus efeitos *à posteriori*.

Apelemos a uma citação de Lacan no *Ato psicanalítico*, resumo de seu seminário 1967-1968, publicado nos *Outros Escritos*, página



Eugenia Loli - Did You Guys See It?- 2018

373: “cabe portanto afirmar que o psicanalista, na psicanálise, não é sujeito, e que, por situar seu ato pela topologia ideal do objeto α , deduz-se que ao não pensar que ele opera”.

Para podermos incluir nas sessões virtuais algo que possa vir a ocupar o que atualmente entendemos pelo ato psicanalítico, vai exigir da nossa comunidade esclarecer se esta operação do não pensamento possa fazer existir o psicanalista que, através de uma lógica própria, o ato se articula num antes e num depois.

Ousaria dizer que usar o meio virtual para os atendimentos psicanalíticos, forçados pelas contingências que a realidade nos impôs, poderá se tornar, futuramente, um ato. Esta decisão, produziu sem dúvida, um antes e um depois no saber-fazer psicanalítico, é necessário, no entanto, de mais tempo, para compreender os efeitos disto na psicanálise em extensão.

EL:

Que estatuto do corpo se trata nos atendimentos *on-line*?

SG:

Esta é, sem dúvida, uma questão fundamental, cujas respostas devem orientar as elaborações necessárias que os psicanalistas, que se autorizaram a fazer o atendimento virtual, vão ter que buscar para sustentar esta decisão.

Tendo a pensar que, com o uso do virtual, demos um passo atrás no que vínhamos trabalhando a partir do conceito de “Um-corpo”. Pois, segundo J.-A. Miller (2014), em seu curso *Ultimíssimo Lacan*, ele vai dizer que o Um-corpo é a única consistência do falasser e é o que ser humano tem levar na análise. E, complementa, se a palavra fosse a única implicada na análise, não se entenderia por que o telefone ou mesmo a internet não seriam meios adequados à experiência analítica. Dizer que não são meios adequados não quer dizer que sejam proibidos, no meu entender. Podem, sim, serem utilizados, desde que se considere as limitações destes veículos. Entre elas, um certo rebaixamento na função do corpo, isto é, manter a psicanálise como pensada a partir da categoria do simbólico, mais à altura do tratamento psicanalítico, do que à experiência do real.

EL:

Como pensar a presença do analista nos atendimentos virtuais?

SG:

Antes de pensar a presença do analista nos atendimentos virtuais, temos que precisar o que entendemos por presença, termo absolutamente imprescindível para a psicanálise. Supõe-se, em primeiro lugar, que os dois participantes da sessão analítica estejam presentes para que haja uma sessão. Se tomarmos a transferência por exemplo, costumamos dizer, não há psicanálise *in absentia*. Miller (2018), em seu curso *Del síntoma al fantasma. Y retorno*, na página 208, diz que “há consciência da presença do analista”. Esta presença se torna obstáculo ao trabalho, produz o fechamento do inconsciente, como desenvolve Lacan (1964/1985) no seminário 11, onde, exatamente, ele trabalha este termo “presença do analista”. Ou seja, a presença do analista revela o que há de opaco nas associações ou na própria articulação significativa. Além disso, se entendemos que não há psicanálise *in absentia*, parodiando Vinicius de Moraes, dizemos: “a ausência que me perdoe, mas a presença é fundamental”. Fundamental para que o impossível de dizer evidencie a opacidade do desejo, explicitando o que dele há de indecifrável.

Entendo, portanto, que o virtual não interfere diretamente nesta presença, apesar de muitas vezes exigir do analista um manejo mais atento, para que esta presença na tela não se “congele” na condição de obstáculo. É necessário, portanto, apelar à ausência para que esta possa fazer vacilar o semblante desde onde o desejo do analista opera.

Referências

LACAN, J. (1964). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, J. (1967-68). O Ato Psicanalítico. Resumo do Seminário. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MILLER, J.-A. *El últimísimo Lacan - os cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós, 2014.

MILLER, J.-A. *Del síntoma al fantasma. Y retorno*. Buenos Aires, Paidós, 2018.

TEXTOS

(AUTOR)RETRATO, UM IMPOSSÍVEL DE REPRESENTAR¹

Aléssia Silva Fontenelle

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise.

A fotografia surge no início do século XIX e, com ela, a democratização do acesso às imagens. Em 1854, patenteado pelo fotógrafo francês André Adolphe Eugène Disdéri, surge a *carte de visite*, nome dado a um antigo formato de apresentação de fotografias que exibia oito pequenos retratos em uma só placa. Essa



Joe Webb - Selected collages - Papering over the cracks

técnica amplia a prática fotográfica para uma dimensão de larga produção comercial e, não por acaso, o retrato humano foi o gênero que alcançou a maior demanda, desde o seu surgimento. De acordo com Benjamin (2014), o peso absoluto do valor de exposição da fotografia vai se sobrepondo ao valor de culto que se mantinha em segredo na arte, mas isso não ocorre sem resistência. De fato, a recordação de entes queridos, ausentes ou falecidos, foi o último refúgio do valor de culto da imagem.

A artista Frida Kahlo e seu marido, o muralista Diego Rivera, eram adeptos dessa prática, trocando e colecionando retratos de amigos pró-

¹ O texto faz parte da tese de doutorado, *A arte de Frida Kahlo: o savoir-y-faire com as peças soltas*, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ximos e pessoas de renome que admiravam ou difamavam, tais como Stálin, Lênin, Porfirio Díaz, Zapata, André Breton, Marcel Duchamp, entre tantos outros. Ela dizia que os retratos eram uma forma de “tê-los perto” e de se fazer presente em suas vidas. Assim, os distribuía a um contingente enorme de pessoas e, entre tantas, podemos destacar Leo Eloesser, seu médico em São Francisco, a quem entregou mais de quatrocentas fotografias para que as resguardasse (OLES, 2010).

Numa arte da memória, Frida guarda os testemunhos visuais de sua pré e pós-história e, para tanto, registra no verso das fotografias: nomes, datas², recados, marcas de batom com os seus lábios, contas. Apesar de algumas fotografias revelarem seus breves relacionamentos e duradouros amores, elas nunca eram eróticas, podendo ser definidas mais precisamente como um registro de corpos (OLES, 2010). Algumas se apresentam cortadas, outras rasgadas, mas como em qualquer coleção, elas preservam murmúrios de alegrias, fragmentos de desamor, ou melhor dizendo, preservam insignificantes detalhes de uma história.

A esse propósito, apresenta-se a questão: o que motiva uma coleção? O colecionador não é apenas um sujeito que, em um ato deliberado, organiza, agrupa um amontoado de objetos. Essa prática não envolve o objeto apenas como elemento da coleção, mas sobretudo como “motor e verdade” (WAJCMAN, 2010, p. 35). Assim, o que funda uma coleção é a dimensão do desejo e, nesse sentido, todas elas são criação de desejo. De acordo com Wajcman (2010), para que possa ser nomeada como tal, deve apresentar um *kit* mínimo formado por objeto + desejo. Nessa lógica, podemos afirmar que uma coleção é algo que se sustenta do vazio.

Curiosamente, encontramos nos arquivos do museu *Casa Azul* mais de 6 mil imagens³, ou seja, cartas, documentos, desenhos, cerâmicas populares, roupas, uma coleção ex-votos, remédios, lembranças efêmeras, retratos públicos “oficiais”, instantâneos informais privados e diversas outras fotografias reunidas e conservadas até sua morte em 1954 (MONASTERIO, 2010; OLES, 2010). Entre tantas coisas, foi descoberta a coleção de autorretratos, uma espécie de autobiografia que o pai de Frida, Guillermo Kahlo, havia tirado ao longo da vida. Essas imagens

² Algumas datas estão riscadas e/ou alteradas, no intuito de subtrair três anos de sua idade.

³ Algumas datam do século XIX.

evocam um rapaz que gostava de posar e exibir o corpo, para a câmara, em poses desafiadoras, até mesmo jocosas, por vezes atléticas, outras, boêmio. Segundo Franger (2010), seu investimento na fotografia teria como objetivo primeiro retratar a si mesmo.

Podemos observar, tanto em Frida, quanto em seu pai, a paixão por se autorretratar, entretanto, uma fotografia nunca pode apresentar o sujeito como tal, sendo sempre um recorte que está grafado em outra coisa. A artista foi retratada ao longo da vida por grandes nomes de sua época: Nickolas Muray, Martin Munkácsi, Fritz Henle, Edward Weston, Gisèle Freund, Pierre Verger, Juan Guzmán, Lola Álvarez Bravo, Manuel Álvarez Bravo, entre tantos outros. Sobre sua relação com a câmara e seu uso no bordeamento do real, afirma: “sabia que o campo de batalha do sofrimento se refletia em meus olhos. Desde então, comecei a olhar diretamente para a lente, sem piscar, sem sorrir, decidida a mostrar que seria uma boa lutadora até o final” (KAHLO apud MONASTERIO, 2010, p.21).

Assim, tem-se a impressão de que, além das pinturas, desenhos e escritos através dos quais Frida constrói uma imagem de si, ela também o faz por meio de um conjunto de retratos fotográficos. Didi-Huberman (2015) ressalta que, se por um lado a fotografia põe corpos em cena, por outro aponta para “o enigma de um jazer do corpo inteligível” (p. 95). Isto porque apresenta um “modelo” dissociado, cindido e, sobretudo, nos remete a uma temporalidade alternante, variante entre avançar para o futuro, rememorar o passado e uma falsa expressão do presente.

Na pintura, em particular nos retratos e autorretratos, o duplo se transforma em algo perturbador; ao mesmo tempo em que é a imagem de seu criador, esta já se fez outra, uma imagem próxima, ao mesmo tempo distante e distinta, que adquiriu uma nova dimensão para se converter num corpo composto. O duplo nos recorda que o ser do homem pode se desdobrar em dois, ainda que para isso precise recorrer ao artifício da arte (RICO, 2004, p.111).

Retratista, retratada... de quem é, a rigor, um rosto fotografado? Esse enigma se evidencia na experiência estética da artista Frida Kahlo e o uso

singular que faz do autorretrato, cerca de quarenta em meio a mais de 200 telas. Em sua pintura-espelho, por vezes encontramos sua imagem duplicada, ou mesmo triplicada, como por exemplo, na fotografia realizada por Nickolas Muray em 1939, na qual a artista, ante seu cavalete, pinta o célebre autorretrato *Las duas Fridas*. O jogo de reflexos expõe imagens, multiplica, repete a transmissão e, através dessa brincadeira, inventa três Fridas. Uma produção peculiar do duplo? Um tríplice autorretrato? Uma disjunção entre ver, ver-se, ser visto? Aqui, duas referências importantes, olhar e tempo, se enunciam nessa mistura do autorretrato com o retrato.



Figura 1. Fotografia da Frida pintando *Las dos Fridas*, Coyoacán, 1939⁴.

A pintura foi realizada logo após seu divórcio com Diego Rivera, e nela observamos duas Fridas gêmeas, de mãos dadas, sentadas uma ao lado da outra em um banco. A que se encontra à direita veste um traje tehuana, a outra um vestido de casamento similar ao de sua própria mãe. Os corações estão expostos e uma artéria comum os une. A artéria aparece cortada, vertendo sangue sobre o vestido branco, e a imagem esquerda, por sua vez, tem uma tigela nas mãos. A pintora esclarece, ao amigo MacKinley Helm, que a Frida da direita seria aquela que é amada por Diego e porta nas mãos um camafeu com o retrato em miniatura dele, do qual sai uma artéria que a nutre e a mantém viva. A da esquerda, Diego já não a ama mais, está se esvaindo em sangue, morrendo lentamente (GRIMBERG, 2004).

O retrato não pode nos ver, entretanto, um ou outro pode des-

⁴ Nickolas Muray e Kahlo estavam no auge de sua relação de dez anos quando esta foto foi tirada. O caso amoroso começou em 1931, pouco depois do casamento de Kahlo com o muralista Diego Rivera, terminando em 1941. Eles permaneceram amigos até a morte da artista em 1954.

pertar a inquietante sensação de que somos observados por ele, que nos olha, nos fascina, convoca nosso olhar. Tal efeito perturbador avança para o campo do enigmático, do inominável e, portanto, comporta uma dimensão traumática. Lacan se opõe a aplicar a psicanálise à arte, ou mesmo a entrar no domínio da psicologia do artista, mas isso não o impediu de tratar a obra como um espaço que *organiza uma gramática do desejo*. Atento ao que a arte faz avançar a psicanálise, insiste que o criador, assim como o analista, exercem ambos a prática do *saber fazer com* o singular.

Nessa direção, a obra de Frida Kahlo testemunha a estranha relação que se estabelece entre a pintora e a imagem do corpo devastado. Numa linguagem única, sua arte recorre à imagem do corpo, sua estrutura interna, anatomia ou mesmo os próprios pensamentos para inscrever algo sobre o fluxo de sua existência, desejos, obsessões, vida e morte.

Com efeito, os inúmeros autorretratos em que ela obstinadamente se pintou no espelho permitem apreender algo sobre os modos como se desembaraça e/ou se embaraça com sua imagem. De modo inédito, o drama de sua existência e a série de seus autorretratos fazem do trabalho criativo uma incansável “inscrição de seu corpo, sobre o seu corpo” (LAURENT, 2016, p.169). Podemos sustentar, portanto, que sua arte circunscreve algo que não cessa de não se representar ou se traduzir.

Referências

BENJAMIN, W. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. 2 ed. Porto Alegre: Zouk, 2014.

DIDI-HUBERMAN, G. *Invenção da histeria*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

FRANGER, G. O pai misterioso. In P. O. Monasterio (Ed.), *Frida Kahlo: suas fotos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010

GRIMBERG, S. *Nunca te olvidaré... De Frida Kahlo para Nickolas Muray*. México: Editorial RM, 2004.

LAURENT, É. *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

MONASTERIO, P. (org. . V. autores. *Frida kahlo: suas fotos* (Cosac Naif). São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2010.

OLOES, J. Mexericos em prata sobre gelatina. In P. (org. . V. autores Monasterio (Ed.), *Frida Kahlo: suas fotos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

RICO, A. *Frida Kahlo: fantasia de un cuerpo herido*. 3 ed. Ciudad de Mexico: Plaza y Valdés, 2004.

WAJCMAN, G. *Colección seguido de La avaricia*. Buenos Aires: Manantial, 2010.

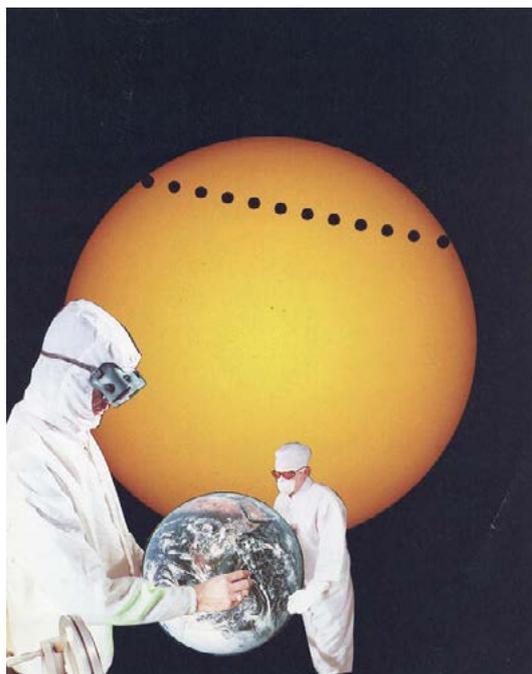
O DELÍRIO DA TECNOCIÊNCIA: UM CORPO SEM SUBSTÂNCIA¹

Rogério de Andrade Barros

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e membro do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise (LAPPSI/UEFS).

Na clínica, testemunhamos diariamente diversos arranjos que o ser de fala inventa para poder manter unidos os registros real, imaginário e simbólico, podendo dar consistência ao seu corpo. É a partir dos efeitos do choque do significante sobre a carne que a fabricação do corpo não se permite pensar desarticulada da subjetividade de quem fala.

O corpo, ele não é dado pelo fato da biologia, neurologia ou genética. Para a psicanálise de orientação lacaniana, o corpo é o que o ser de fala adora, “porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora todo instante”, contudo, “não se evapora” (LACAN, 2007/ 1975-1976, p. 150). Mais ainda: um corpo goza de si, dando provas de que para além da ordem simbólica e da imagem que lhe permite um júbilo ortopédico (LA-



Joe Webb - Selected collages - Placed

¹ Uma primeira versão desse trabalho foi apresentada oralmente na Conversação entre Núcleos, no âmbito do Curso Regular do Instituto de Psicanálise da Bahia, em 2019.

CAN, 1998/1966a), há uma substância de gozo, da qual propriamente um tratamento analítico não deixa de mirar.

Em conferência realizada para médicos, intitulada originalmente de *Psicanálise e Medicina*, Lacan (2001/1966b) aborda a disjunção entre o gozo e saber, indicando que, mais além da cura para o seu sofrimento, aquilo que um paciente demanda ao seu médico aponta para uma falha epistemossomática. Isso implica dizer que a medicina pode até conhecer os limites do organismo e de suas funções, mas não é capaz de nomear o que um corpo quer.

O lugar do médico, engendrado pelo discurso da cientificidade, encontra um percalço, já que ele “é requerido em sua função de cientista fisiologista, mas [...] está submetido ainda a outros chamados” (LACAN, 2001/1966b, p. 10). Para além da cura, evidenciamos um pedido de reconhecimento como doente. A despeito dos protocolos (BRIOLE, 2009), a fala do paciente dá a ver a dimensão do gozo trazido com o adoecimento e sua relação desarmônica com o corpo próprio. A sua conduta médica, ao considerar a subjetividade daquele que fala, baliza-se entre a demanda de doente e o gozo do corpo (VIEIRA, 2002).

Se uma orientação lacaniana se vale do corpo vivo, em que algo do gozo pode se aparelhar com a ordem simbólica e produzir a subjetividade, os avanços tecnocientíficos concebem a sua existência destituída de qualquer crença. Trata-se do reducionismo organicista do corpo, onde a mente se cerebraliza, e a experiência subjetiva se explica na atividade neuronal.

O discurso científico contemporâneo, especialmente na sua conjunção com o modo de produção capitalista (BRIOLE, 2013), se vale do pressuposto de um corpo mortificado, dessubjetivado. A sua produção de saber, pautada sob a noção de um sujeito universal, deixa de lado o modo como, a partir do laço possível, cada um, na sua particularidade sintomática, esquadrinha o estranho gozo do corpo através da palavra (MILLER, 2010).

A construção de cyborgs, como aponta Irizar (2016), homens maquinais, cuja memória é aquilo que o humaniza, nos mostra que o campo da linguagem, simbólica, dotada de mistério e equívoco, se pretende transcrever em biologia molecular, dessubstancializando o gozo do corpo, podendo ele mesmo ser recriado a despeito da vida. Podemos pensar que, na história e evolução das tecnociências, se, em um primeiro momento, foi preciso objetificar o corpo, transformando-o num

receptáculo da enfermidade a ser observado, hoje, o corpo-espetáculo da medicina transmuta o visível, assumindo um formato virtual. Não se trata mais de um corpo esvaziado de gozo que se permite investigar sob a condição de estar morto, mas de um novo corpo, holográfico, que se pretende infinito, ao negar a morte. Vida que, aqui, equivale ao arquivamento cerebral, memória sináptica do que se pode reter da experiência, como se ela fosse independente do corpo.

“Adeus ao corpo”, como aponta Le Breton (2003), é o aceno futurista da nova realidade, cuja materialidade gozoza é superada pela virtualidade. A despeito do delírio das tecnociências em construir um super-humano, havendo, assim, superado a sua existência corporal, apartando para todo o sempre o gozo que é obstáculo ao controle, o ser do humano persiste às transformações, não desaparecendo. A despeito dos avanços científicos se pautarem no corpo como algo obsoleto, é dele e nele que o ser de fala experimenta a vida. Assim, se a condição humana é inseparável do corpo, ela é também indissociada do desejo, do simbólico, do gozo. “Se algum dia essa situação se modifica, então o humano”, de fato, “haverá sido superado” (IRIZAR, 2016, p. 61).

Referências

- BRIOLE, G. La palabra, más allá de la protocolización. *Colofon* – Boletín de la Federación Internacional de Bibliotecas de la Orientación Lacaniana. n. 29, 2009.
- BRIOLE, G. Um real para o século XXI. *Opção Lacaniana* - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 65. São Paulo: Edições Eolia: São Paulo, 2013.
- IRIZAR, L. *El cuerpo, extraño*. Dos formas de entender el cuerpo: medicina y psicoanálisis. Bilbao: Ediciones Beta III Milenio, 2016.
- LACAN, J. (1966a). O estágio do espelho como formador da função do eu. Em: **Escritos**. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LACAN, J. (1966b). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, 32:8-14, 2001.
- LACAN, J. (1975-1976). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2003.
- MILLER, J.-A. *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- VIEIRA, M. A. O lugar da psicanálise na medicina - introdução à uma conferência de Jacques Lacan. *Cadernos do IPUB*, vol. VIII, n. 21 (Ciência e saber no campo da saúde mental), pp. 115-114, 2002.

A CATÁSTROFE SAIU DA TELA: A EXPERIÊNCIA DO INFAMILIAR ENTRE A FICÇÃO E O REAL

Giovana Reis Mesquita

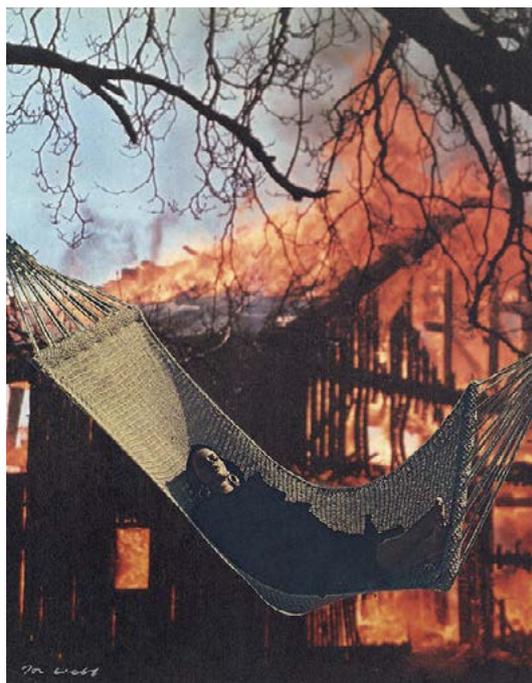
Participante do Núcleo de Psicanálise e Audiovisual (IPB)

Aluna do curso da Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana (IPB)

O desconforto e horror que a experiência cinematográfica pode produzir nos chamados cinema catástrofe é da mesma natureza que a experiência que se pode viver em uma pandemia, tal qual a que nos assoma hoje? Talvez o texto de Freud sobre o infamiliar possa produzir algumas considerações sobre tal assunto.

O cinema pode produzir prazer, exaltando a ligação entre o simbólico e a libido, alimentando nossa pulsão escópica, alimentando nosso olho; essa abertura por onde se obtém satisfação pelas imagens. Freud (1905/1996) destacava a importância do olhar para a sexualidade humana quando diz que a “impressão visual continua a ser o caminho mais frequente pelo qual se desperta a excitação libidinosa [...]” (p. 148).

Assim, o cinema cria todo um aparato para o gozo. O gozo pelo olhar. Curiosamente, ou nem tanto assim, o ano da primeira exibição



Joe Webb - Selected collages - image asset 5

paga de cinema coincide com as primeiras investigações de Freud em direção à Psicanálise, em 1895, e com a invenção do Raio-X. Ou seja, temos aí nessa época a conjunção desse olhar que procura satisfação no conhecer com a ciência, no gozar com o cinema e no saber do que se ignora com a Psicanálise.

O olho é o órgão do corpo que privilegiamos porque além de instrumento de saber, via pela qual se aprende, ele é também fonte de satisfação, por onde gozamos. Para Freud, o olho é o buraco por onde entra o sexo no corpo através das primeiras imagens que nos marcam para sempre (ANTELO, 2015).

Mas o que vê esse olho? O que provoca satisfação ao olhar? Em outro texto, “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920/ 2010) nos traz a ideia de que a satisfação não precisa estar ligada necessariamente a sensações prazerosas, mas, sim, também a sensações dolorosas, à repulsa ou ao horror. Pensando no cinema, essa possibilidade talvez possa justificar melhor o gosto que podemos ter por filmes que tratam das mais diversas catástrofes e ameaças.

Foi Hollywood quem nos familiarizou com esse tipo de filme que é denominado de cinema catástrofe¹ e tem em comum trazer histórias que falam da ameaça da vida na Terra, seja por invasão alienígena, monstros, desastres da natureza ou doença. Parece que nesses casos o roteiro tem uma importância menor e o que vale mais é a capacidade de emular a realidade. Segundo Sontag (1987), esse gênero surgiu na década de 1950 e gira sobre a fantasia humana de sobreviver à própria morte e à destruição da humanidade guiada pela presença de um herói.

Podemos dizer que nesses filmes o que o olho procura ver é o nada, a castração diante das inquietações e suplícios apresentados na grande tela e que também são vivenciados pelo expectador quando suspende sua descrença diante dela. Pode-se dizer que essa experiência estética de horror equivale ao termo freudiano de infamiliar²?

¹ A relação entre o cinema e catástrofe foi desenvolvida por Marcela Antelo em maio de 2020 em uma Live do Instagram com o psiquiatra Filipe Batista, ex-integrante do *Núcleo de Psicanálise e Cinema* do IPB sob o título Cinema e Trauma.

² O termo original do alemão *Das Unheimlich* não tem tradução exata para o português. Optou-se pelo termo “infamiliar”, que se trata da mais recente tradução de Ianini e Tavares da Autêntica editora em 2019.

O infamiliar, para Freud (1919/ 2019), se refere ao que é terrível, ao que provoca angústia e horror. Mas ele é infamiliar justamente por outra ter sido familiar, por ser conhecido. Freud (1919/ 2019) diz que: “[...] o infamiliar é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar”. (p. 28).

Ao falar em coisa assustadora, Freud está pondo alguma relação com o objeto olhar. O próprio exemplo que dá – seu horror ao se ver velho no espelho quando desperta em um trem – traduz um infamiliar que vem pela via escópica; ligado ao horror e ao gozo. Dessa forma, podemos dizer que, sim, a experiência estética do cinema pode produzir a experiência do infamiliar em nós. Esse termo não se refere a um objeto, mas, a uma experiência que tem muito de íntimo, de estranho e que pode ter a capacidade de dividir o sujeito.

Mas Freud coloca que há uma diferença quando esse olho deixa apenas de ver as catástrofes como ficção e passa a vê-las como uma ameaça real. No texto *O Infamiliar*, de 1919, Freud traz uma diferença entre o infamiliar que é vivenciado e o infamiliar que é só imaginado ou sobre o qual se lê. Na ficção, seu conteúdo não está à prova da realidade. Não ameaça a nossa própria vida.

O encontro com o Real é diferente. Nesse caso, é o fenômeno do COVID-19 que fez com que o cinema catástrofe saísse da tela, e o que tínhamos e gozávamos ao mesmo tempo aparece agora como realidade. O efeito infamiliar pode se dar justamente quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada; em suas palavras: “[...] quando nos vem ao encontro algo real que até então víamos como fantástico” (FREUD, 1919/ 2010, p.364). Desta forma, nosso fantasma é posto à prova com o Real voltando a fazer furo, sem aviso prévio.

O infamiliar é aquilo que escancara a nossa tão sabida e tão temida castração. É um desagradável encontro com aquilo que tanto se evitou e, por isso mesmo, tanto se teve contato, tanto se mostrou inesquecível; como no nosso gozo com o cinema catástrofe – queremos olhar e gozar com o horror, com a hediondez.

Tanto a ficção do cinema quanto a experiência do COVID podem, portanto, produzir a sensação do infamiliar. Ambos têm elementos que podem provocar um instante de angústia, no aparecimento de alguma coisa fora da simbolização. Essa é uma experiência do Um, instantânea,

contingente e singular; que deve logo escapar porque se agarra a qualquer outra coisa dentro do simbólico.

No caso do cinema, parece-nos que sua particularidade pode estar no fato de provocar a experiência infamiliar dentro do registro simbólico. *A Das Ding* aparece, então, imaginarizada. Quando as luzes da sala se acendem junto com os créditos, a descrença sobre o visto aparece, e o que fica é a vivência de um gozo-satisfação, como nomeia Lacan (1972-1973/ 2008) no Seminário 20.

O encontro com vírus é de outra natureza, é o encontro com o *Das Ding* no Real. Essa experiência infamiliar pode provocar um gozo-excesso (LACAN, 2008), rompendo os limites do bem-estar e fazendo confluir prazer e sofrimento.

Pensando que a vida só pode ser concebida como ficção – já que é atravessada pelo simbólico – uma forma de sair dessa sensação infamiliar do vírus talvez seja tentar apreender esse Real que nos escapa em novamente uma ficção. Uma ficção que possa contê-lo em algum limite de tela. E, aí, a solução é no um a um, cada qual sendo autor de sua obra.

Assim, em 2020, ciência, psicanálise e cinema entram em uma nova conjunção. A ciência se debruça sobre o novo vírus, desconhecido e nunca totalmente apreensível, e, com isso, se depara com a desconfortante ideia de castração e morte que estava esquecida na sociedade do gozo. A ciência procura ver e não enxerga tudo. O cinema vê suas ficções saírem da tela, sem herói, deixando suas salas literalmente vazias. No cinema, não há quem o veja. E a Psicanálise segue escutando sobre esse inquietante que vem do Real e que parece ser o retorno do eterno mal-estar da civilização. No momento, escutar é o que se tem para ver de novo.

Referências

ANTELO, Marcela. *La inquietante extrañeza en el cine*. Tese (Doutorado em Comunicação). Departamento de comunicação, Universidad Pompeu Fabra. Barcelona, 2015.

FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. Em: *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239. (Obras completas, 14).

FREUD, S. (1919). *O infamiliar [Das Unheimliche]*. Em: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, vol.8. Trad. Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 26-125.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1968-1969). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SONTAG, S. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

ÉDIPO, HISTERIA E NEUROSE SEM ÉDIPO

Fátima Sarmiento

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise

O complexo de Édipo, assim como o lugar que Freud atribuiu ao pai, situam-se no âmago da experiência analítica. Isso levou Lacan, no seu primeiro ensino, a afirmar que “não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (LACAN, 1957-1958/1998, p. 171). Vale destacar que Freud tinha uma concepção religiosa do Pai. Para ele, Deus era um substituto do Pai, acreditar em Deus era um reflexo da crença no Pai. A relação entre o complexo paterno e a fé em Deus era tão estreita que Freud, desde a invenção da psicanálise, ao se debater com o declínio da paternidade, atribuiu o nascimento da psicanálise ao declínio das religiões. De certa forma, há uma razão a ser considerada: se as neuroses se multiplicaram a partir da decadência das religiões, é porque na falta do pai, como ponto de identificação e sem o apoio das religiões, só restou ao sujeito que se encontrava à deriva fazer sintoma. Daí o sintoma neurótico dizer respeito ao Pai.



Eugenia Loli - Pleiadian Surfer - 2016

Aqui, podemos isolar um ponto que diz respeito ao seguinte: ao introduzir o pai na psicanálise, Freud introduziu também a psicanálise na religião. Por outro lado, Lacan deixa claro que o sentido sempre remete

ao Nome-do-Pai, é sempre religioso. Todo o esforço de Lacan foi tentar evitar que a psicanálise se transformasse em uma religião, já que ela tende a isso, caso a interpretação só opere pelo sentido. Uma questão, então, será percorrida neste artigo: como sair do sentido garantido pelo discurso religioso e pela ciência?

Édipo e Histeria

No texto *A psicologia das massas...*, Freud (1921/1990) relacionou a identificação primária com o pai, que exerce essa função pelo fato de ser merecedor do amor. Na perspectiva da teoria freudiana, o amor ao pai corresponde a salvar o pai, e era nessa direção que Freud dirigia o tratamento. Ao se orientar pelo Édipo no atendimento com as histéricas, Freud cometeu equívocos e isso pelo fato de que sua primeira formulação sobre o Édipo apresentava uma concepção evolucionista ao subordinar o desenvolvimento psíquico à maturação biológica do corpo. Assim, nesse primeiro tempo, o processo edipiano seguia uma inclinação “natural”: a mulher deve dirigir-se ao homem e vice-versa. Em um segundo tempo, o Édipo passa a ser uma estrutura cujo correlato é o complexo de castração que, por sua vez, é definido como se fosse ligado à ausência ou à presença do falo. Vale dizer que a psicanálise só pôde avançar quanto à teoria do Édipo e da castração com a criação do falo como conceito.

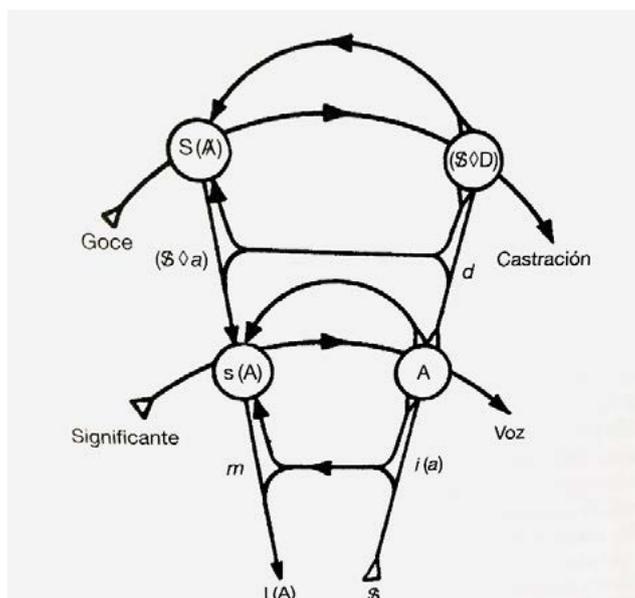
Ao tomar o Édipo como ponto de partida no tratamento de Dora, Freud (1905/1972) insistiu no amor desta pelo Sr. K, empurrando-a para ele. Segundo Lacan (1951/1998), isso decorre de um preconceito de Freud que se exprime com simplicidade no conhecido refrão: “tal como a linha para a agulha, está a menina para o menino”.

Vem daí a interpretação errônea de Freud de que o Sr. K é o objeto de desejo de Dora. Para Lacan, Freud no primeiro momento não conseguiu identificar o que realmente interessava a Dora – instalar a Outra Mulher no lugar do saber. A histérica identifica-se com o homem enquanto portador do órgão, porém não para gozar, mas para que a Outra mulher a prive dele. Assim, ela sustenta seu desejo perante o desejo do Outro como desejo insatisfeito e este é seu modo de gozo. Ela goza de ser privada do gozo. É a Outra quem goza como uma mulher em seu lugar. Ao supor à “Outra Mulher” um saber sobre o gozo do homem, a

histórica recusa o próprio corpo. Dizer que à histórica só interessa outro sintoma é o mesmo que dizer que ela recusa o corpo a corpo. Isso pressupõe que na histeria fica em suspenso a construção de um corpo feminino. A relevância do tratamento com Dora se deveu ao fato de que ela ensinou a Freud que era preciso ir além do Édipo. Se o Édipo se apresentou inicialmente a Freud como uma solução, aqui ele se constituiu como um problema.

Para Lacan, a estrutura de uma neurose é essencialmente uma questão. O grafo do desejo é o que melhor explora o território das perguntas e é animado pelas questões: Que queres? Que sou no desejo do Outro? Essas questões vão modalizando-se e na histeria se reduzem a: “O que é uma mulher? A pergunta é sobre o desejo, sobre o feminino. O lado direito do grafo é o das perguntas e o esquerdo é o das respostas. Na neurose, a pergunta chega a colocar-se, porém não é desenvolvida já que o sujeito recorre ao curto circuito da fantasia para não se confrontar com o buraco enigmático do S (A).

Fig. 1 - . O grafo do desejo



Fonte: LACAN (1957-1958/1998), o seminário, livro 5, p. 404.

Assim, na neurose, a resposta antecipada se põe no nível da fantasia para não chegar ao lugar onde a pergunta não tem resposta. Desse modo, a fantasia funciona para o sujeito como defesa para não o aproxi-

mar do lugar onde não há resposta. Na psicose, a estrutura da pergunta se aborta no primeiro nível do grafo e, antes que a pergunta possa colocar-se, a resposta se faz presente no eixo especular.

No *Seminário 5*, Lacan (1957-1958/1998) se serve do grafo para situar os tempos do Édipo. No piso inferior, temos uma etapa fálica, primitiva, e muitas coisas podem aí se fixar – distúrbios, perturbações e identificações perversas. No segundo tempo, mais acima, “o pai intervém como privador da mãe”. No terceiro tempo, o pai intervém como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo e esta sugere uma identificação com o pai como Ideal do eu. Na histeria masculina, o pai não é tomado como objeto de identificação, mas como objeto de amor. Trata-se aqui do Édipo invertido. Para Lacan (1957-1958/1998), fazer-se amar pelo pai consiste em passar, primeiramente, para a categoria de mulher, e aí estaria a forma da homossexualidade inconsciente que põe o sujeito em uma situação conflitante: por um lado, o retorno constante posição homossexual em relação ao pai; por outro, sua suspensão, isto é, seu recalque em razão da ameaça de castração que essa posição comporta. A identificação da

histórica com o pai vai dificultar sua posição como mulher. Nas fórmulas da sexuação, como veremos no desenho 2, a histórica está situada do lado do homem. Na histeria masculina, o homem vai situar-se do lado da mulher. É importante salientar que, conforme Monribot (2019), o sujeito do inconsciente – do qual a histórica é o paradigma – está sempre na vertente masculina seja qual for o sexo do sujeito em questão. A maternidade é uma versão feminina do repúdio à feminilidade. Uma mulher freudiana é aquela que não tem (nesse caso, um pênis), mas

Fig. 2. Quadro da sexuação



Quadro da sexuação

Fonte: LACAN (1972-1973/1985), o seminário, livro 20, p.105.

ela pode opor-se a isso tornando-se aquela que tem (nesse caso, uma criança). Do ponto de vista freudiano, tornar-se mãe não é tanto uma realização da feminilidade, e sim um distanciamento dela. Ter um filho é a realização de uma promessa fálica infantil feita na lógica edipiana.

Neurose sem Édipo

No *Seminário 17*, Lacan (1969-1970/1992) é contra a ideia de pôr a identificação com o pai como primária, porque isso entra em contradição com tudo o que a experiência estabelece sobre a primazia da relação da criança com a mãe. A propósito disso, Lacan (1938/2003), desde 1938, ao situar o declínio da imago paterna, já anunciava a possibilidade de patologias ligadas ao supereu materno sem mediação, apontando desde aí para uma nova clínica, para o mais arcaico da constituição do sujeito. Ainda que Lacan (1955-1956/1985), no *Seminário 3*, tenha comentado a propósito da psicose de que algo do Édipo aí não se tenha completado, e tenha defendido que não existe neurose sem Édipo, no *Seminário 5* (LACAN, 1957-1958/1998), ele afirma que a experiência levava a admitir que podia haver sujeitos que apresentassem neuroses em que não houvesse Édipo algum – ideia correlata ao supereu materno. Aliás, nesse texto de 1938, Lacan mostra as dificuldades de sublimação diante dos gozos que se apresentavam desenfreios, articulando com o declínio do pai as patologias ligadas ao supereu materno sem mediação: como as toxicomanias, anorexias. Lacan ainda comenta, em 1938, sobre os problemas enfrentados pelo sujeito com as operações de causação, ou seja, dificuldades de alienar-se para produzir a separação.

Ainda no *Seminário 5*, Lacan (1957-1958/1998) assinala que é justamente na fase pré-edipiana que se instalam as perturbações que se produzem no campo da realidade. Aí ele localiza, de um lado, as perversões e, de outro, as psicoses, admitindo que nos dois casos é a função imaginária que está em jogo e o campo da realidade aqui é profundamente perturbado por imagens.

Podemos pensar que, na atualidade, há uma nova forma de histeria, marcada pelos efeitos da ciência sobre o corpo? Lacan (1977/1981) em uma conferência interroga:

Aonde foram parar as históricas de antigamente, [...] como Anna O., Emmy Von N [...] que permitiram o nascimento da psicanálise? [...] O que aconteceu com os antigos sintomas? A histeria não se terá deslocado no campo social? A maluquice psicanalítica não a teria substituído? (p. 1).

Logo cedo, Freud identificou que o pai era o parceiro da histérica. Nesse sentido, a histeria, desde Freud, é percebida como Dois: o sujeito histórico mais seu interpretante, que não é outro senão o Nome-do-Pai. Castro (2018) traz considerações interessantes para se pensar a histeria na atualidade. Para essa autora, o fato de a histérica hoje não tomar o pai como parceiro não significa que ela não faça algumas parcerias, assinalando que, na atualidade, o grande parceiro da histérica é a ciência. Aliás, não é à toa que Lacan aproximou o discurso da histérica do da ciência. Agora, não se trata mais do gozo da privação articulado com a fantasia de suprir a falta paterna, mas de fazer valer uma privação no real do corpo mediante, por exemplo, as cirurgias estéticas. A autora ainda enfatiza que o corpo histórico hoje não atualiza mais o sintoma de um outro corpo, como vimos Dora fazer com o pai, mas utiliza seu corpo inteiro para tentar atingir o corpo d'A mulher. Nessa direção, há uma nova versão da recusa do corpo. Trata-se na atualidade de um corpo que, deixando-se cortar pela ciência, faz a neurose adormecer. Uma histeria sem o Dois, sem o amor ao Pai, uma neurose sem Édipo.

Referências

- CASTRO, H. Neurose sem Édipo? *Revista Curinga*, Escola Brasileira de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 46, p. 61-69, 2018.
- FREUD, S. (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- LACAN, J. (1972-73). *O seminário, livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. (1955-1956). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. (1957-1958). A metáfora paterna. In: LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1951). Intervenção sobre a transferência. *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1969-1970). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. *In: LACAN, J. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 29-90.

LACAN, J. (1977). Propos sur l'hystérie: intervention de Jacques Lacan à Bruxelles, 26 février 1977. *Quarto*, n. 2, p. 1-5, 1981. p. 1. Tradução nossa.

MONRIBOT, P. O repúdio à feminilidade. *Revista Curinga*, Escola Brasileira de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 48, p.187-189, 2019.

ULTRAPASSAMOS OS 28 MINUTOS

Ricardo Gusmão

Participante do Núcleo de Psicanálise e Audiovisual do Instituto de Psicanálise da Bahia

É uma tarefa difícil apontar quais fatores fazem com que sejamos atraídos pela narrativa de uma obra audiovisual, no entanto acho que a principal delas é claramente a identificação com os personagens ou, ao menos, com o universo ficcional. E este primeiro elo que será decisivo para que o público assista ao filme até o final se dá nos primeiros 28 minutos da trama, tempo



Eugenia Loli - Enceladus Pilgrims - 2017

reservado no roteiro para apresentar os personagens em seu cotidiano, algo que Joseph Campbell (1995, p.36) chamou de “mundo cotidiano” ou “mundo comum” ao apresentar as etapas da Jornada do Herói.

É antes dos 28 minutos que Wesley Gibson, personagem de O Procurado (Wanted, 2008), nos é apresentado vivendo uma vida sem nenhum glamour, na qual sofre com os abusos da sua chefe e com a traição de sua namorada que transa com seu melhor amigo, tudo isso antes dele se tornar um assassino capaz de fazer com que balas façam curvas antes de atingirem o alvo. Também é antes dos 28 minutos que conhecemos o jovem Donnie Darko (Donnie Darko, 2001) com suas crises de sonambulismo, bem antes de uma turbina de avião atingir o telhado do seu quarto e mudar toda a sua vida e das pessoas ao seu redor. Após os 28 minutos, ocorre o chamado para a ação e a partir daí adeus

normalidade, adeus mundo comum, tudo é imprevisível, tudo é incerto. Os 28 minutos são o véu que separa a nossa realidade da realidade ficcional.

Aqui, no entanto, é importante destacar que embora no cinema a média dos 28 minutos seja seguida cronologicamente à risca, ao transportar esse conceito para o mundo das séries, faz-se necessário ampliá-lo um pouco pelo próprio caráter mais amplo do formato seriado. Até mesmo quando o cinema toca no formato serial, com sequências como Harry Potter, Matrix e Vingadores, os 28 minutos estão lá em cada filme isoladamente, mas algumas vezes na forma de um filme inteiro, que dura cronologicamente muito mais que isso. No caso dos Vingadores (Avengers) que conta atualmente com quatro longas nos quais é possível destacar este mundo comum nos 28 minutos iniciais de cada filme, podemos encontrar ainda o mundo comum dos intervalos. Pois, como nos mostra Lacan (1972/ 2012, p. 79), o formato serial só é dado pelo intervalo, e no caso da série Vingadores, o intervalo também é composto de filmes, nos quais vemos o mundo comum de cada um dos heróis isoladamente, com filmes como Homem de Ferro, Thor, Capitão América, etc. E o mais curioso é que ao encararmos cada um destes filmes como parte do mundo comum da série Vingadores, teremos de assumir que cada um deles isoladamente possui também seu mundo comum nos primeiros 28 minutos, chegando próximo de um fractal.

E embora ninguém procure assistir a um filme para ver duas horas de mundo comum, é a partir deste mundo que é comum tanto ao personagem quanto ao público, que nos permitimos sermos levados para terras distantes e situações pelas quais jamais passamos e esperamos nunca passar, até por que o mundo comum é confortável, aconchegante, seguro e familiar, como o sofá no qual nos encontramos enquanto John Connor carrega sozinho a responsabilidade de vencer a Skynet e salvar toda a humanidade da extinção. O que ocorre após os 28 minutos não é para nós, pois nossa vida se dá inteiramente antes desse tempo, jamais recebemos uma carta de Hogwarts, jamais partimos para levar um anel maligno para ser destruído em uma montanha, nossa vida segue a normalidade do dia que nascemos ao dia que morremos, sem desvios para conflitos surreais, assim como o Sol nasce todas as manhãs, ou será que não?

Para o filósofo empirista David Hume nada é tão certo assim e essa certeza que nos toma por completo em nossa vida cotidiana, certeza de que o Sol nascerá todas as manhãs, como o exemplo usado pelo próprio autor (HUME, 1999, p.48), ou de que sempre será seguro sair de casa para nossos trabalhos, ou para a nossa rotina, seja ela qual for (para usar um exemplo próximo da situação que estamos vivenciando com a pandemia) é fruto do hábito de observar que determinado fenômeno sempre ocorreu dentro daquele padrão. No entanto um hábito nada mais é que um produto da memória de eventos passados, e podemos até supor que tudo continuará ocorrendo seguindo este padrão, mas não passará de uma especulação, pois não é um atributo do passado garantir a normalidade do futuro, embora gostemos de pensar dessa forma a maior parte do tempo.

A grande questão é que nos últimos meses ultrapassamos os nossos próprios 28 minutos, e agora, querendo ou não, temos uma longa jornada pela frente antes de retornarmos ao nosso adorado mundo comum. Deixamos o que nos era familiar para trás, nunca estivemos tão longe do condado, como diria um certo hobbit, e mergulhamos em um desconfortável mundo de incertezas e perigos. A diferença é que nada disso é tão glorioso na vida real. Não há glória quando o risco é real, o isolamento é real e não temos uma visão tão clara do futuro quanto costumávamos ter ou acreditávamos que tínhamos se optarmos pelo ponto de vista de Hume. O que podemos fazer é continuar lutando para que o problema que hoje nos cerca cause o menor dano possível a nós e à sociedade, para que no futuro tudo possa se ajustar, em um novo mundo comum, em novos primeiros 28 minutos.

Ao atravessar o véu da ficção nos deparamos com um estranhamento peculiar que vai ao encontro do Unheimliche freudiano, esse infamiliar que no meio de tantas formas de se manifestar aparece também naquilo que deveria estar do outro lado da tela, mas que transborda para o nosso cotidiano, e aparece para nós como um objeto estranho que nos aterroriza, um objeto que não deveria estar ali, que contradiz a nossa normalidade, da mesma forma que no cinema de horror, o medo pode aparecer na forma de mortos que caminham, bonecos capazes de matar, ou visitantes vindos de outros planetas. Em nosso mundo algo está fora do lugar, as ruas ficaram mais vazias, o medo se manifes-

ta a partir de um mal invisível que pode nos encontrar a partir do que nos é mais familiar, nossa família e nossos amigos. E já não sabemos se ao ver aquele velho rosto conhecido, pelo qual nutrimos tanto carinho, podemos nos alegrar ou temos que temer um mal que se oculta sob a face daquilo que nos é mais íntimo. Tudo aconteceu muito rápido, pouco tempo atrás vivíamos a tranquilidade de um mundo comum, agora parece que fomos transportados para O Enigma de Outro Mundo (The Thing, 1982), no qual a face do conhecido, pode esconder o que nos é estranho. É um cenário novo e por isso difícil de lidar, mas se formos cuidadosos e pacientes aprenderemos juntos e nos adaptaremos a ele, para que em pouco tempo estejamos novamente no cenário conhecido, próximos daqueles que amamos e sem a preocupação de que um abraço ou aperto de mão possa trazer algo mais que o gesto de alegria de um reencontro.

Referências

- CAMPBELL, J. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1995.
- FREUD, S. (1919). *O Infamiliar/Das Unheimliche*. Em: *Obras incompletas*. Minas Gerais: Autêntica, 2019
- HUME, D. *Investigação Acerca do Entendimento Humano*. In: *Hume*. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Os Pensadores)
- LACAN, J. (1971-1972). *O Seminário, livro XIX: ... Ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

Filmografia

- CAPITÃO América: o primeiro vingador. Joe Johnston. EUA: Marvel Studios, 2011. 1 DVD (2h4m)
- DONNIE Darko. Richard Kelly. EUA: A Flower Films Productions: Adam Fields Productions: Gaylord Films, 2001. 1 DVD (1h48m)
- HARRY Potter. Chris Columbus; Alphonso Cuarón; Mike Newell; David Yates; Heyday Films. Reino Unido, 2001-2010. 1 DVD
- HOMEM de ferro. Jon Favreau. EUA: Marvel Studios, 2008. 1 DVD (2h6m)
- MATRIX. Irmãs Wachowski. EUA: Austrália: Village Roadshow: Silver Pictures, 1999-2003. 1 DVD
- O ENIGMA de outro mundo: John Carpenter. EUA: Universal pictures: Turman-Foster Company, 1982. 1 DVD (1h49)
- O EXTERMINADOR do Futuro. James Cameron. EUA: Hemdale Film Corporation: Pacific Western Productions: Cinema 84, 1984. 1 DVD (1h48m)
- O PROCURADO. Timur Bekmambetov. EUA: Universal Studios: Spyglass Entertainment: Top Cow: Relativity Media, 2008. 1 DVD (1h50m)

O SENHOR dos anéis: A sociedade do anel. Peter Jackson. EUA: WinNut Films: The Saul Zaentz Company, 2001. 1 DVD (3h48m)

OS VINGADORES. Joss Whedon, Joe Russo, Anthony Russo. EUA: Marvel Studios, 2012-2019. 1 DVD

THOR. Kenneth Branagh. EUA: Marvel Studios, 2011. 1 DVD (1h55m)

2020 - O DESPERTAR DE UM SONHO

Tania Porto

Associada ao Instituto de Psicanálise da Bahia

2020, número redondo, bonito, que em sua interessante repetição suscitou em nós, sonhadores, fantasias de tempos melhores, apesar de alguns sinais em contrário. Não poucos...

Aqui estamos em 2020. Ano que entrará para a história, sem dúvida, não por confirmar os nossos mais dourados sonhos, mas por nos lançar em um incrível pesadelo.

Interessante, como a psicanálise vinha no decorrer do ano de 2019, falando muito sobre sonhos e pesadelos. E nos falava, justamente do pesadelo, como algo que nos desperta, ainda que fugazmente, para o insuportável real em cada um de nós. Nos diz Miller: “O despertar que intervém no pesadelo ocorre quando nos deparamos com algo que nos produz horror, do qual não queremos saber mais nada, até o ponto em que despertamos para, como o diz Lacan, continuar sonhando com os olhos abertos” (MILLER, 2012, p. 262).

Tem sido recorrente ouvirmos a expressão, *sensação de pesadelo*, para descrever o sentimento das pessoas com relação a 2020. Pensamos então, que é como se há algum tempo, a humanidade estivesse dormindo, mais ou menos imersa em um sonho fantástico. Nesse sonho, todas as faltas eram possíveis de serem preenchidas, todos os desejos passíveis de realização. Objetos de desejo acessíveis em prate-



Joe Webb - Selected collages - Down The Drain

leiras, plataformas ou sites, fossem esses objetos carros, viagens, filhos ou uma nova aparência... Se não dava para ser à vista, a crédito, por que não?

Até o velho e impossível sonho de contornar a morte, de certa forma, parecia mais perto, talvez até viável, com as novas e admiráveis conquistas da ciência. A longevidade se impondo com as ofertas de novos tratamentos preventivos para a velhice: suplementos, cirurgias, ou, em último caso, a criogenia...

Entretanto, nos diz Lacan no Seminário 24: “O despertar é o real sob seu aspecto do impossível, que não se escreve senão à força ou pela força”. (LACAN, 1976, p.36). Veio, então, a pandemia, nos despertando desse sonhar que, felizmente para uns, infelizmente para outros, parece ter acabado. Não é possível afinal, comprar tudo o que falta, viver plenamente satisfeito, controlar a morte, ou mesmo a vida. O pesadelo da pandemia nos colocou, de novo, de cara com o desamparo, a morte, a falta. Tivemos que nos perguntar: o que é essencial, o que de fato nos importa, o que realmente desejamos? E os psicanalistas se perguntaram mais, ainda: “É o real impossível de se pensar, se não cessa de se escrever?” (LACAN, 1976, p. 38)

Para alguns, com mais sorte, a pandemia fez um corte, com efeito de interpretação. Uma espécie de ato analítico sem analista, feito por um vírus, numa época em que o Outro não existe. É saber fazer, aí. A que concerne essa época em que o Outro não existe? De acordo com Miller, em *A fuga do sentido*, falamos aqui, justamente, de uma das equivalências do *objeto a* ao longo do ensino de Lacan. Afirma Miller: “Esta equivalência, põe em questão a categoria do Outro com maiúscula, pois formula que o Outro pode ser considerado como equivalente do *objeto a*: $A=a$ ”. (MILLER, 2012, p. 223).

Já dissemos que para alguns, foi possível algum efeito de interpretação diante do acontecimento da pandemia, que fez uma espécie de corte no automaton. Para outros, contudo, não foi possível interpretação alguma, só trauma. De fato, a contingência do novo corona vírus tem se configurado como um acontecimento traumático para a humanidade, que parece perdida, ao não encontrar palavras para traduzi-lo.

Para aqueles que não acreditam muito em tudo isso, que acham que nada vai mudar, lembramos que Freud já nos alertou para o fato

de que a operação do trauma se configura em dois tempos, um antes e um depois. Virá, ainda, o só depois.

Podemos nos perguntar, então: o ano de 2020 inaugura, mesmo, novos tempos? A partir desse encontro (sempre faltoso) com o real, surgido como efeito da pandemia, poderemos inventar um significante novo?

Referências

FREUD, S. (1895). A primeira mentira histórica. Projeto para uma psicologia científica. Em: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.

LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro. Ed Zahar, 1985.

LACAN, J. *O Seminário, livro 24: O insucesso de um-equívoco é o amor*. 1976/1977. Inédito.

MILLER, J.-A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires. Ed. Paidós, 2012.

O FEMININO, MAIS, AINDA, BANHADO A LUTO E MELANCOLIA: DES-FIANDO PEDAÇOS DE ELENA

Delza Eloy de Santana Gonçalves

Aluna do Curso Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana (TPOL/IPB)

“ I’m sick with love
Touch me
I turn to water...”

(Clifford & Pinheiro, 2012)

A epígrafe acima é letra de uma canção, inspirada em um texto de Guimarães Rosa, produzida especialmente para o documentário Elena (2012). Dirigido pela mineira Petra Costa, é um trabalho autobiográfico de tamanha sensibilidade, do qual selecionei pedaços para desdobrar a leitura de laços que se dão no relacionamento de três mulheres, marcados pela fratura da perda.

Lacan (1972 / 2008) nos presenteou com a fineza de seu olhar para o Outro gozo, feminino, esse sem margem, que se lança à imensidão do infinito, que é vida-beira-morte. Em *mais, ainda*, anuncia “não se pode dizer que seja a vida, pois aquilo também porta a morte, a morte do corpo, por repeti-lo. É de lá que vem o *mais*, o em-corpo, o *Ainda*” (p. 12).



Joe Webb - Selected collages - image asset 3

É no corpo que Elena experimenta, até a consumação, um mais, ainda. *“Tô me vendo no vidro do trem. Nossa, como eu engordei em três dias. Que decadência! Enquanto eu como, tenho vontade de nunca parar. Acabou, mas eu vou comer mais. Eu quero mais, eu fico pensando no que pode vir depois... mesmo sabendo que de certa forma não tem fim [...] Me sinto gorda e vazia”*. A dor de Elena é aguda e lateja na carne, um vazio invade o íntimo de seu ser. Ela é tomada por um redemoinho de afetos e não consegue sair, é levada ao mais, ainda, para onde o gozo sem borda convoca ao nada.

Freud (1917 / 1996) diferencia que, no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, ao passo que, na melancolia, é o próprio sujeito que se concebe assim, ‘decadente’. O melancólico não fez o luto de sua perda, tampouco sabe o que perdeu, no entanto, identifica-se à pura ausência do objeto, do qual torna-se inseparável, enredado intrinsecamente à sua sombra. Elena achava-se ausente de si mesma: *“esse corpo tá doente, a vida o fez totalmente doente; [...] eu vou me degradar e escorrer por esse ralo”*. Penso, em contrapartida, que Elena achava-se tão em si mesma, no real cáustico, que a vida se tornara insuportável. O sem borda é para dentro.

Em *O Aturdito*, Lacan (1972 / 2003) nomeia “devastação” o que atravessa a relação da menina com a mãe, de quem ela espera, em vão, uma resposta para dar conta do *nãotodo* que lhe circunda. A mãe de Petra e Elena, por sua vez, confessa que, desde os 13 anos, ansiava morrer, via-se velha e trágica. *Um dia, sentada em frente ao espelho da penteadeira do seu quarto, ela [a mãe] faz um desenho, o desenho de sua tristeza*. É o falho contorno das vísceras, que se desnudam do véu, e escapa aí, onde o encontro com o real emana e ressoa. Elena se busca: *“me olho no espelho [...]”*; e o que se revela é o gozo opaco: *“[...] não vejo nada atrás dos meus olhos”*.

Laurent (2012), em *A Psicanálise e a Escolha das Mulheres*, dedica um capítulo à privação, conceito que Lacan desenvolve, ao longo de seu ensino, em contraponto ao masoquismo feminino de Freud. Discorre que não se trata de as mulheres serem masoquistas, mas de estarem ao abrigo da ameaça de castração, o que lhes permite, facilmente, não sem se devastar, dispor de si mesmas e de seus corpos para alcançarem o Outro gozo, sem limite.

“Você lê para mim a história original, em que ela sofre para se tornar mulher, perde a voz e morre. A pequena sereia aceita passar pela dor de uma faca atravessando seu corpo, sangrando seu corpo, para ganhar pernas e assim dançar”. Nessa cena, Petra narra a interpretação que a irmã construiu em uma ocasião para designar a desventura da pequena sereia nos desfiladeiros de um fazer-se mulher. É uma refinada percepção de Elena, que me remete à Brousse (2019), em *Mulheres e Discursos*, ao sublinhar o sangue e as lágrimas enquanto os fluidos femininos por excelência. Faço um forçamento, e apreendo que Elena dizia, peculiarmente, de seus próprios fluidos, seu embaraço na circunscrição de um gozo que lhe tomava violentamente. Ademais, Brousse propõe que, na devastação, é um objeto que ocupa o lugar de significante mestre, e não um nome. Portanto, a angústia grita ante um objeto não metaforizado, um objeto que denuncia o corte cru, des-velado.

O documentário é um retrato primoroso do processo de luto da diretora. “*Eu me vejo tanto nas suas palavras que começo a me perder em você*”. Treze anos mais jovem, ela estava com sete quando a irmã consumou o suicídio. “*Esse mistério, me sinto escura. Num escuro que nunca vai terminar*” - trecho da carta que Elena deixou. Petra perde sua irmã, sua única irmã, e seu espelho frágil de um fazer-se mulher irrompe em cacos. “*Se ela me convence de que a vida não vale a pena, eu tenho que morrer com ela, eu tenho medo do que o tempo vai fazer comigo*”. Pois bem: o tempo, as contingências e sua gana, Petra, te possibilitaram fazer rachadura nas palavras, inventar um significante novo para o indizível da passagem ao ato de um grande amor.

“*As memórias vão com o tempo, se desfazem, mas algumas não encontram consolo, só algum alívio nas pequenas brechas da poesia. Você é a minha memória inconsolável, feita de pedra e de sombra. E é dela que tudo nasce, e dança*”. Miller (2016), em *Un esfuerzo de poesia*, retoma a pungência da palavra desvestida do comum. É aí que habita a motriz de uma simbolização possível do inefável, que dê conta de revestir o insuportável do real da morte. Arrisco supor que a “memória inconsolável” de Petra é nuance de sua singularidade. O ‘inconsolável’, que não é passível de apagamento, mas de uma reconfiguração que vivifique o *falasser*.

Ao completar 21 anos, a mãe de Petra lhe diz “*agora você está mais velha que a Elena*”. Foi ao ultrapassar algo da identificação com a irmã,

que pôde, então, “*sentir sua morte outra vez*”, decantar a perda de um outro lugar, “*de fora*”. Suportou tomar distância do entrelaçamento que a fazia uma só com a irmã. Ocorre aqui uma mutação, como assinala Freud (1917/ 2006) no percurso do luto, que permite a Petra retomar o encantamento do mundo. Todavia, há um resto que escorre no sulco e não se apaga, o incurável, como aponta Miller (2011). Este dá vida, em Petra, à Elena.

O documentário encerra embalado pela canção “*I’m sick with love, touch me, I turn to water...*”. Estou doente de amor, toque-me, me torno água... (tradução livre). Banhada na correnteza do luto, Petra entoia “*me afogo em você, em Ofélias [...] Enceno a nossa morte... Para encontrar ar... Para poder viver*”. O documentário é todo um encenar a morte, mas, também, um encenar os rebentos que pulsam das memórias-marcas dessas mulheres.

Ao encenar a morte, “a nossa morte”, há um descolamento, Petra deixa de habitá-la e passa a lhe fazer visitas, em imersões, pois, para se fazer uma travessia, sobretudo digna de um luto feminino por excelência, é imprescindível, ainda, mergulhos nos confins da dor de existir. No mergulho-visita, há elaboração. Petra desfia nós, separa perdas de permanências, urge o incurável.

Referências

- BROUSSE, M.-H. *Mulheres e Discursos*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2019.
- CLIFFORD, M.; PINHEIRO, F. I turn to water. Trilha sonora original. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c8Jp-2L3jww>. Acesso em 14 set. 2020.
- ELENA. Direção: Petra Costa. Produção: Bernardo Bath; Julia Bock; Petra Costa; Sara Dosa; Fernando Meirelles; Caroline Onikute; Moara Passoni; Tiago Pavan; Tim Robbins; Daniela Santos. Brasil: Busca Vida Filmes, 2012. 80 min. Son., Color., 35 mm.
- FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. In: *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.245-263.
- LACAN, J. (1972). O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497
- LACAN, J. (1972). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LAURENT, É. Do masoquismo “feminino” à privação. In: *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012. p. 69-86.
- MILLER, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos em Lacan: Entre o Desejo e o Gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- MILLER, J.-A. *Un esfuerzo de poesia*. Buenos Aires: Paidós, 2016.

NÃO FAZEMOS MAIS [AMOR] COMO ANTES...

Glauco de Carvalho Morais

Associado ao Instituto de Psicanálise da Bahia

O mundo não é mais o mesmo e essa opinião é unânime. Não se nasce, vive ou morre do mesmo jeito que antes. A expressiva velocidade em que a tecnologia acontece desde a década de 90 é tão marcante em nossas vidas que para estar “desatualizado” do mundo basta perder a conexão com a Internet durante algumas horas. O homem contemporâneo não é mais o mesmo e suas formas de laço social também não são.

A psicanálise, que sempre está atenta às mutações sociais, não ignora os efeitos do contemporâneo sobre o sujeito, é o que afirma Graciela Brodsky (2013):



Joe Webb - Selected collages - Beach Body Ready

O saber que nos ocupa, o saber da clínica, é um saber mutante. A clínica da qual nos ocupamos é sensível ao Outro social: se o Outro muda, muda a clínica, uma vez que a clínica não está dada no real (p.7).

Atento as mudanças sociais, ainda em 1953, Lacan advertiu que se: “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (p. 321).

A primazia do falo e as consequências psíquicas da ausência da simbolização do sexo feminino levaram Lacan a formular o axioma: “não existe relação sexual” (LACAN, 1973/ 2003, p.454). Essa afirmação parte do pressuposto de que a condição estrutural do sujeito é faltante, que no outro nunca será encontrado aquilo que falta. Sempre estaremos incompletos.

Precedendo o axioma “não há relação”, e seguindo para uma articulação possível diante da condição estrutural do sujeito, Lacan estabeleceu quatro discursos - modalizáveis em suas disposições - que organizariam as relações entre sujeito, Outro, saber e objeto. São eles: Discurso do Mestre, da Histórica, da Universidade e do Analista. O princípio de todo discurso ou laço social é a articulação do campo do sujeito com o campo do Outro, no qual se faz presente a falta, a incompletude. Em 1970, no Seminário 17 – O avesso da psicanálise, Lacan (1969-70/ 1992) menciona uma “mutação capital [...] que confere ao Discurso do Mestre seu estilo capitalista” (LACAN, (1969-70/ 1992, p.160). Uma subversão no matema entre o significante e o sujeito, será suficiente para constituir o que ele denominará, em *Televisão* (LACAN, 1974), Discurso do Capitalista – nesse discurso, o sujeito não se dirige a um Outro - como nos outros - mas ao objeto. Nessa nova forma de laço, a relação com o objeto é privilegiada e promissora, pois extinguiria o mal-estar e faria existir a hipotética completude - a relação sexual. No matema observamos que os objetos mais-de gozar (a) vêm no lugar da produção e, com um frágil anteparo da lógica significante ($S1 \rightarrow S2$), deixa o sujeito à mercê dos objetos ($\$ \leftarrow a$). Isso indica que todo discurso que é conectado no capitalismo, deixa de lado as coisas da falta, do amor. (LACAN, 1971-1972).

Ao se referir ao amor, Lacan (1960-61/1992) indica que “amar é dar aquilo que não se tem, a alguém que não o quer” (p.122). Ainda que enigmático, esse axioma lacaniano resulta numa redundância lógica, visto que para amar, o sujeito precisaria reconhecer que há algo em si que falta e que supostamente estaria no outro. Isso quer dizer que se amo, assumo que algo me falta, que sou incompleto, então endereço

a possibilidade de completude – atestando que há falta - ao outro que supostamente me completaria, dou aquilo que não tenho - a alguém que não o quer...

A atualidade, reflexo dos avanços tecnológicos e científicos, além de oferecer um consumo desenfreado, responde a um imperativo categórico: goze!, que pode ser lido como um empuxo ao gozo, com ou sem o Outro. No que concerne ao amor, ainda que atualmente haja tentativas do sujeito contemporâneo estreitar seus laços com o objeto, retirando da cena o Outro, sabemos o quão solitário e mortificante é o gozo sem ele (Outro), e como o amor se faz necessário para a constituição do sujeito. Não nos esqueçamos “O que vem em suplência à relação sexual – que não existe – é precisamente o amor.” (LACAN, 1972-73/1985, p.62).

Ainda que só saibamos as consequências da atualidade no futuro, a experiência clínica anuncia o quão um “novo amor”, uma nova forma de laço tem sido fundamental para a sociedade atual, horizontalizada.

O novo amor da pós-modernidade representa um novo tipo de humanismo, uma transcendência laica. Não morremos mais por grandes causas, mas morremos por quem nos toca de perto, por quem divide nossa vida no impossível do vazio das grandes causas [...] se antes o amor era tradição e disciplina, hoje é invenção e responsabilidade (FORBES, 2013, p1).

Ainda que não se nasça, viva ou morra do mesmo modo, não deixamos de amar. Mas, certamente, mudamos a nossa forma de fazer par com o Outro e com o objeto de satisfação da pulsão. É esse um dos reflexos do discurso do capitalista, pois, se por um lado ele tende a objetificação, a mortificação e a aniquilação da falta, por outro, ratifica a castração, favorece as novas formas de amar e de lidar com o indizível e ainda dá provas que “a relação sexual não existe” (LACAN, 1973/ 2003, p. 454).

Referências

BRODSKY, G. A loucura nossa de cada dia. Opção Lacaniana *On-line* nova série – Ano 04 – Número 12 – 2013.

FORBES, J. Um novo amor está no ar. Disponível em <http://www.jorgeforbes.com.br/br/artigos/um-novo-amor-esta-no-ar.html> Acesso em 15 de setembro de 2020.

LACAN, J. (1953). Escritos. Função e Campo da fala e da linguagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1960-1961). O Seminário, livro 8 - A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. (1969-1970). O seminário - Livro 17 – O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. (1971-1972). O seminário - Livro 19 - Ou pior. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. (1972). “O aturdido”. Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. (1972-1973). O seminário - Livro 20 – Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. (1974). “Televisão”. Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

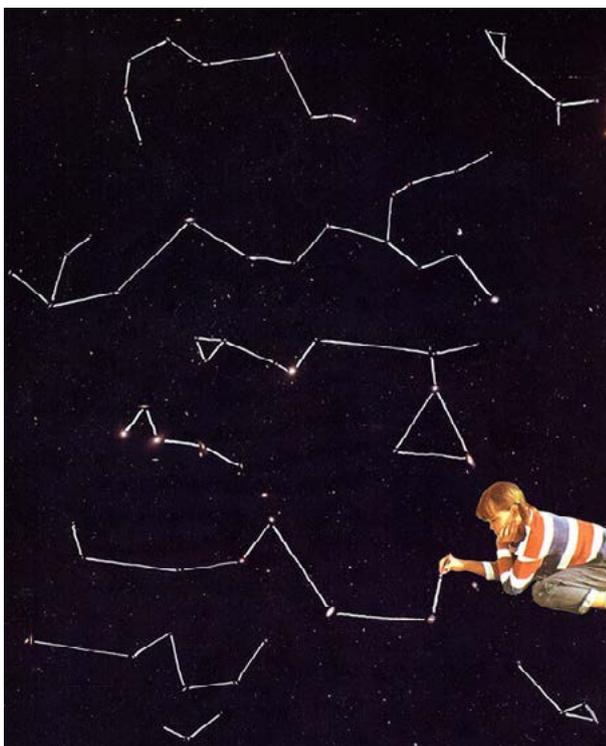
O SINTHOMA COMO ESCRITURA DO REAL

Ivone Maia de Mello

*Associada do Instituto de Psicanálise da Bahia, professora
adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana*

O mais radical, posso dizê-lo para vocês graças a Jacques Aubert, é *Who ails tongue coddeau, aspace of dumbillsilly?* Se eu tivesse encontrado esse escrito, será que teria ou não percebido - Onde está o seu presente, espécie de imbecil? (*Oü est ton cadeau, espèce d'imbécile?*)¹

No seminário que proferiu entre os anos de 1975-1976, em que apresenta o conceito de Sinthoma, Lacan lança mão de uma forma arcaica de escrever a palavra sintoma, para demarcar o que há de singular em sua formulação. No primeiro período de seu ensino, Lacan propõe que o inconsciente é estruturado com uma linguagem; e que o trabalho da análise consiste em fazer passar ao discurso o mal estar, que encontraria alívio ao ser elaborado



Joe Webb - Selected collages - image-asset 1

¹ LACAN, J. O Seminário: livro 23 O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 162

e localizado no campo simbólico, como indica em seu texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”: “Nada há de criado que não apareça na urgência, e nada na urgência que não gere sua superação na fala” (LACAN, 1998, p. 242). Esse trabalho da análise permanece atual e consiste em fazer passar do registro imaginário, os sentidos fixados de forma especular no campo do Outro, ao deslizamento da significação no simbólico, permitindo ir além da identificação narcísica a partir do corte introduzido pela interpretação do analista. No ponto onde um furo na imagem do Outro retorna como um furo em seu próprio ser para um sujeito, emerge a questão que marca sua pergunta sobre o desejo:

fazer em alguma parte a sutura entre esse simbólico que se estende ali, sozinho, e esse imaginário que está aqui. É uma emenda do imaginário e do saber inconsciente. Tudo isso para obter um sentido, o que é objeto da resposta do analista ao exposto, pelo analisando, ao longo de seu sintoma (LACAN, 2007, p.70-71).

Uma concepção de sintoma como fala endereçada ao Outro, como mensagem cifrada, que se trata de, pela via da fala, desvelar seu sentido. Este sintoma é tomado por Lacan, nesse momento, como “o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito [...] ele participa da linguagem pela ambigüidade semântica que já sublinhamos em sua constituição” (LACAN, 1998a, p. 282). Sintoma como metáfora, que faz deslizar os sentidos a partir dos significantes mestres para aquele sujeito. O inconsciente simbólico, evidenciado pelos tropeços e lacunas no discurso do sujeito. Mas assim como Freud se referiu em *Análise terminável e interminável* (1937) ao rochedo da castração, impossível de ultrapassar, como obstáculo ao trabalho analítico; a partir do Seminário 7 o conceito de real se destaca de seu uso aproximado à ideia de realidade, para se referir à Coisa freudiana, *Das Ding*. No Seminário 10 sobre a Angústia, a marca da separação do Outro deixa um resto inquantificável, algo que não é da ordem do significante, absoluto, que não se pode resolver e nem dissolver. Muda o conceito de objeto, da série de objetos parciais para agora construir o objeto a , que é um

resíduo, um resto de tudo que pode ser nomeado. A angústia como via de acesso ao real, não mediado pela linguagem. (MILLER, 2003) A questão fundamental sobre o ser do sujeito se esvazia, e se mostra em sua inconsistência:

Ele é o elemento que perturba os semblantes identificatórios, pois é a prova de que nenhuma identificação corresponde ao que o sujeito é. Esse elemento é, acima de tudo, concebido por Lacan no segundo momento do seu ensino, como pura consistência lógica (SANTOS, 2006, p.200-201).

Gradativamente, o registro do real e o gozo ganham centralidade em sua teorização em relação à anterior ênfase no simbólico, a partir do significante e seus efeitos. No Seminário 22, Lacan(1974-1975) propõe a teoria dos nós borromeanos e menciona pela primeira vez a orientação ao real, e no Seminário 23 (1975-1976) ele vai falar do *sinthoma* como uma produção singular, como invenção do sujeito para lidar com sua angústia, o registro real da pulsão, em resposta à invenção freudiana do inconsciente (LACAN, 2007). O trabalho clínico com a palavra não é abandonado, mas exige um mais além do sentido: “A psicanálise como um curto circuito, passando pelo sentido, como copulação da linguagem, suporte do inconsciente como nosso próprio corpo” (LACAN, 2007, p.118). Fazer com que algo desse gozo sem nome possa ser capturado pelo significante, ainda que permaneça como letra de gozo, fora do campo do deslizamento do sentido, permite que algo do insuportável do gozo possa ser reduzido:

Quando fazemos essa emenda, fazemos ao mesmo tempo uma outra, precisamente entre o que é simbólico e o real. Isso quer dizer que, por algum lado, ensinamos a analisante a emendar, a fazer emenda entre seu *sinthoma* e o real, parasita do gozo. (LACAN, 2007, p.70-71).

Isso que não pode ser posto em palavras e que excede o que é suportável, que faz furo no real, é preciso encontrar uma forma de fazer do sintoma um suporte ao sujeito. O *sinthoma* cumpre então um arranjo

que sustenta algum enlaçamento possível entre os registros imaginário, simbólico e real. Ele exemplifica com os escritos de James Joyce o que é um *sinthoma*. Em seu uso da letra fora do campo da significação, joga com enigmas e com os sons como propriedades que podem ser isoladas e retiradas de seu contexto linguístico. O exemplo de uma homofonia escrita em língua inglesa, e que dificilmente é percebida no que forma de sons da sua língua (Joyce era irlandês, e Lacan nos informa que o Gaélico, sua língua, é uma língua apagada do mapa, perdida) é sublinhado por Lacan como um exemplo radical de sua apropriação da escrita. Joyce é o próprio sintoma, na medida em que usa o significante como modo de gozo do que Lacan chama de *Lalíngua*, um balbucio gozoso do som. E é aí que Lacan situa o *sinthoma*, como uso privado da língua, que cumpre a função de nomear para este sujeito em particular, e para ninguém mais. Para ele, isso se arranja. E isso basta ao enodamento que o sustenta. Ao seu modo: “É nisso que o que diz respeito ao Nome-do-Pai, no grau em que Joyce testemunha isso, eu o revisto hoje com o que é conveniente chamar de *sinthoma*” (LACAN, 2007, p. 163). O inconsciente se enoda ao *sinthoma*, o traço unário, singular, e é ao encarnar o sintoma que Joyce escapa a toda a morte possível. Pois é palavra que não se refere a coisa nenhuma. A palavra é a coisa.

Um paciente, citado por Lacan, articula que as falas são impostas. Lacan reconhece nessa articulação um saber psicanalítico, na medida em que todas as falas são impostas, imposturas, como uma espécie de parasita. Após a sensação de que as falas lhe eram impostas, o paciente teve a sensação de ser afetado pelo que ele mesmo chamava de telepatia. Mas diferente do uso corrente do termo, para ele tratava-se de que todo mundo sabia de suas reflexões. Ele escutava algo como “sujo assassinato político” e o tornava equivalente a “sujo *assistanato* político”. O significante reduzido a uma torção, a um equívoco. Ele mesmo respondia com um “mas...” e algo mais. E o que o atormentava era que todos soubessem sobre essas reflexões que fazia. Ele se exprimia como “telepata emissor”. Não tinha mais segredo, reserva alguma. O que o levou a uma passagem ao ato numa tentativa suicida e à internação.

Neste Seminário, Lacan iguala a pulsão de morte ao impossível de ser pensado, como deriva do sentido, fundamento do real. Mais radical do que a forclusão do Nome-do-Pai é a forclusão do sentido pela orientação ao

real. Em Joyce, questiona Lacan, essa decomposição permanece ambígua se visava livrá-lo do parasita da linguagem ou se era a própria invasão pelas propriedades fonêmicas - a linguagem como coisa. Que algo de um gozo se articule no inconsciente onde rateia o sentido, isso Freud já havia percebido com o lapso, o chiste: “a linguagem está ligada a alguma coisa que no real faz furo [...] a linguagem come o real.” (LACAN, 2007, p. 31).

Com isso, Lacan se pergunta sobre a função da arte como um quarto nó, um quarto termo a enlaçar os três registros e a permitir alguma consistência atingindo o sintoma: O problema todo reside nisto - como uma arte pode pretender de maneira divinatória substancializar o sintoma em sua consistência, mas também em sua ex-sistência e em seu furo? (LACAN, 2007, p.38) Em Joyce, Lacan se refere a quando “usamos a linguagem de um modo que vai mais longe do que o que é efetivamente dito”. (LACAN, 2007, p.41) O quarto nó, o Sinthoma, enlaça os três registros (RSI). A resposta assim obtida não diz respeito ao campo do sentido, do discurso; e nem tampouco ao corpo, mas como ressonância que de fora do corpo faz acordo com a linguagem: “O sinthoma é o que permite reparar a cadeia borromeana no caso de não termos mais uma cadeia” (LACAN, 2007, p. 90) Joyce se serve da linguagem para gozar, e ao tomá-la como letra acaba por localizar algo do que pode produzir efeito de nomeação para ele mesmo. A escritura, termo derivado do ato de dar forma escrita a um ato, como quando registramos a compra de um imóvel, equivale a essa operação de nomeação pela via da letra de gozo. Algo de uma localização se produz, mesmo que pela via de uma borda que não se insere no campo do sentido, mas que produz efeitos de apaziguar uma parcela da angústia.

Referências

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. Em: *Obras Completas*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1975-76). *O Seminário: livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MILLER, J.-A. Introdução à leitura do seminário da angústia de Jacques Lacan. Em: *Revista Opção Lacaniana*, n. 43, 2005.

SANTOS, T. C. *Sinthoma: corpo e laço social*. Rio de Janeiro: Sephora/UFRJ, 2006.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATENDIMENTO ON-LINE

Pedro Roberto Ivo das Neves

Associado do Instituto de Psicanálise da Bahia - IPB

Professor Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Justamente nesse ambiente que questionamos em relação ao atendimento numa análise, mas também quanto ao que nele ocorre sobre a transmissão do saber analítico, é que fui encontrar uma fala, mais que um texto escrito, vale ressaltar, que me fez questão no momento inaugural de sua transmissão. Por estar nesse ambiente virtual, pude trazê-la à atualidade (LÉVY, 1996) e escuta-la atentamente mais de uma vez. Esta fala foi da transmissão de Sandra Grostein, no Seminário de Formação Permanente da EBP-BA, ocorrido em 11 de junho de 2020.



Ben Giles - Bloomberg Businessweek 2020.jpg

Vale desde logo dizer que para fins da transmissão o retorno a uma nova escuta pode se dar, obtendo disso os seus efeitos, também depois e mediante esse mesmo ambiente. Já considerando uma sessão de análise, a escuta ao que cada um fala, analisando e analista, só se dá uma vez: está na ordem do lapso enquanto inter-

valo. Seu efeito, se um houver um, é daquele instante lógico, no momento cronológico daquele encontro.

Se a fala da transmissão em psicanálise, uma vez gravada em vídeo que se torna disponível num site, pode dela se obter outros efeitos, além daquele da primeira escuta. Isso não se aplica para o sujeito de uma análise, ainda que a sessão até venha a ser gravada e uma escuta pelo indivíduo que nela esteve venha a ser procedida. Os efeitos seriam bem outros.

Na sessão analítica, o que se procede do analista mediante a escuta, aquilo que se faz ato, com efeito de interpretação, como corte que abre para outro lugar ao sujeito, é daquele momento único da fala, da suspensão da sessão, de um ruído feito pelo analista, de algo que ele introduz frente ao que o paciente traz no deslizar associativo de sua fala. Ato não-limite, ato falho, “pensamento inconsciente que emerge no pensamento consciente, na fala, no corpo, e desloca o ato, faz com que diga outra coisa?” (MILLER, 2014, p 6), nos diz Miller, com Lacan, interrogando quanto a relação da passagem ao ato com o ato analítico.

A esse momento do ato analítico não se volta, não é como a transmissão que o conferencista falante diz para o Outro, para todos, e uma escuta captura no singular algo que lhe faz questão, também como um ato. Na sessão analítica o singular está posto desde o primeiro instante de sua abertura, na hora que adentra pela porta o paciente, ou pela luz de led da tela do dispositivo um vê o outro, ou no áudio do celular – um encontro de trabalho se inicia, é a transferência entre dois, e o trabalho que se procede, que preside esse encontro, é própria do caso a caso, relativa ao arranjo sintomático de cada na sua relação com o real. Sabemos que essa transferência se modifica, mas que é nela que se fundamenta a relação de um trabalho entre esse par de uma análise (KLOTZ, 1994; MILLER, 1994).

A questão, entre tantas colocadas por Sandra Grostein, que me pôs em trabalho, desde aquele momento da conferência proferida, é se estamos adaptando nossa clínica a essa realidade. Adaptar implica no ajuste de uma coisa a outra. Se é a forma que se adapta ao conteúdo se tem aí algum tipo de consequência diferente de quando é o conteúdo que se adapta à forma. Dito assim, é que o que ela põe em suspenso precisa ser devidamente considerado, desde aí, se não fosse por tudo o mais que nos trouxe na conferência.

Portanto, nesse breve artigo, podemos seguir refletindo pelo sentimento extremamente pragmático que nos traz essa coisa do ambiente midiático como efeito. Como o isolamento é da ordem de uma pandemia, atravessa fronteiras e línguas, certamente que todos os analistas estão praticando atendimentos através do uso de dispositivos midiáticos, cunhados por Castells (1999) como Novas Tecnologias da Comunicação e Informação (NTCIs). Aqui vou adotar o nome que tem sido mencionado em nosso meio, “atendimento *on-line*”.

Esse atendimento *on-line* apareceu como dispositivo factível para a sessão analítica na pandemia com o isolamento forçado dos corpos. Ela está em uso por todos, não apenas por nós de orientação lacaniana. No momento seguinte em que todos, analistas e analisandos se recolheram no isolamento, mas a demanda de trabalho logicamente não se interrompeu, viram diante de si os dispositivos midiáticos capazes de conectar duas pessoas furando o isolamento social, mantendo os corpos fisicamente distantes. Sobre isso destaque de Gurgel (2020) uma ideia:

Separar os corpos para atender ao imperativo do isolamento social – este impossível de realizar porque a internet tem cumprido a função de comunicação social; o corpo está ausente, mas a voz e a imagem se presentificam via os artefatos tecnológicos (GURGEL, 2020, p. 3).

Mas o atendimento *on-line* não está datado com a pandemia face ao COVID-19, por outras razões, ligadas às mudanças de endereços de pacientes, por exemplo, essa modalidade já vinha sendo praticada.

Há trabalhos datados de duas décadas atrás sobre o assunto e muitíssimos ensaios escritos e gravados em vídeo conferências, nesse momento, de várias partes do mundo, mas notadamente no Brasil, pelos membros da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP).

Bruce Fink, psicanalista lacaniano, PhD pela Universidade de Paris VIII, formação pela École de la Cause Freudienne, já em 2007, discutindo cuidadosamente o tema num capítulo de livro, menciona que atendera *desde anos antes* uma paciente por meio de telefone e evidencia a consequência dessa experiência em toda a sua clínica:

Pouco a pouco, comecei a incluir no meu trabalho sessões ocasionais por telefone com diferentes pacientes, alguns deles por não poderem sair de casa pela angústia esmagadora, outros por estarem doentes ou temporariamente imobilizados, e alguns por causa do carro ter quebrado. Isso possibilitou que essas pessoas continuassem suas análises, quando poderiam ter entrado em profunda depressão, outros continuaram passando por momentos difíceis, e outros ainda continuaram quando o medo de dirigir ou de andar de ônibus parecia paralisá-los para chegar nas sessões (FINK, 2017, p 319).

Vindo de fora do nosso discurso vale considerarmos uma formulação de Melvin Kranzberg e Carroll Pursell de que as revoluções tecnológicas são todas “caracterizadas por sua *penetrabilidade*, ou seja, por sua penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida” (CASTELLS, 1999, p 50). No nosso caso com a prática analítica do atendimento *on-line*, vivemos um certo *impacto*, particularmente do lado do analista, enquanto essa modalidade já se configura no *tecido* do exercício da comunicação e troca de informação do analisando em sua ampla vida social.

É talvez oportuno considerar que o desejo do sujeito que exerce a psicanálise pode ser afetado, como tem sido por todos, no nível da economia libidinal proporcionada por essa tecnologia midiática que vem do Outro, como redução de investimento. Esse efeito nos sujeitos que exercem a psicanálise não estaria sendo assimilada no exercício do trabalho do analista, se incorporando por essa via ao fazer atual da psicanálise? Esse tipo de sutileza define um abismo e comporta a pergunta se nesse ambiente *on-line* o analista de orientação lacaniana está confortável com “um desejo de interrogar a la causa del desejo” (ARAMBURU, 1990, p. 28).

Mas o que se pode destacar, sobremaneira, é que a psicanálise é uma prática que se sustenta com um sujeito que se dirige ao outro através de sua fala, para se tratar, no que é recebido num trabalho em direção a verdade que lhe causa. De um lado o analisante e do outro o analista num trabalho do que fala por meio de fala.

Os dispositivos eletroeletrônicos que penetraram na vida cotidiana na atualidade, possibilitam no atendimento *on-line* que esse encontro se proceda com a fala e no qual é possível um trabalho analítico, se um analista aí houver.

Essa penetrabilidade conforma algo de pragmático e quanto a isso no que tangencia a prática psicanalítica o que podemos elucubrar? No analista com seu desejo e seu trabalho “o analítico é compatível com o a-pragmático” está na lógica em que uma interpretação “é algo que faz alusão, que faz ver a direção de outra coisa” (MILLER, 1997, p. 524).

Poderíamos supor que a própria absorção imediata, rápida e fácil do ambiente *on-line* com o uso de seus dispositivos para o trabalho analítico pode nos sugerir, por exemplo, o que nisso há de concorrência a favor do gozo, considerando cada caso.

Certamente se estaria levando em conta considerações feitas por Sinatra quando entre outras formulações afirma que

[...] la revolución tecnológica de última generación ofrece infinidad de *gadgets* que se intruducen em el punto exacto de la fala estructural del sexo para ofrecer renovados modos de gozar, cada vez más próximos a la realización de una sexualidade virtual, pero también cada vez más cerca del autoerotismo (SINATRA, 2008, p. 65).

Mas corrobora-se que a questão, nesse caso, é outra já no uso que se faz aí desses dispositivos tem do outro lado um analista e não uma imagem erótica, na sessão *on-line*. Tem aí uma fala uma escuta e uma intervenção sob transferência de um analista com a política e a estratégia que conduz esse trabalho.

Portanto, não é para refutar, mas para compreender e responder contrariamente a uma simples adaptação do fazer analítico dentro desse novo modo de maneira automática, pragmática, visando resultados práticos, que nos interessa enfrentar o que está posto em curso.

“A tecnologia não é nem boa, nem ruim, e também não é neutra” postula Kranzberg (CASTELLS, 1999, p 81). Para a filosofia ‘neutro’ seria algo da ordem de “entidades que entram na composição do espírito e da matéria, não são mentais nem materiais, mas adquirem tais qualifi-

cações em virtude das relações em que entram” (ABBAGNANO, 2007, p 712). Os analistas sabem que aquilo que vindo do campo do Outro chega até o sujeito lhe causa.

E a experiência em curso revela que tanto os pacientes têm falado dessa nova modalidade como uma feliz decisão para o levar adiante de suas análises, como analistas têm registrado efeitos inusitados com seus pacientes. Esses depoimentos de trabalhos poderão concorrer para elucidar sobre essa clínica *on-line* que, assim como a tecnologia em que ela se apoia, assim, como a fala como o dispositivo primordial de uma análise, não parece haver qualquer indicador de sua suspensão como ambiente de trabalho do analista desde agora.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARAMBURU, J. El deseo del analista y la pulsion. In: *El lugar del psicoanalista 3*. Escansion Nueva Serie. Buenos Aires: Manatial; Fundacion del Campo Freudiano em la Argentina, 1990.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GROSTEIN, S. *Reflexões sobre a realidade virtual na experiência analítica*. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/ba/2020/06/11/seminario-de-formacao-permanente-reflexoes-sobre-a-realidade-virtual-na-experiencia-analitica-sandra-grostein/>. Acesso em 03 out. 2020.
- GURGEL, I. A sessão *on-line* e a presença do analista. *Conferência proferida na Seção Leste-Oeste em formação*. 25 de agosto de 2020.
- KLOTZ, J. Tornar-se psicanalisando. Em: MOTTA, Manuel Barros. *Clínica Lacaniana, casos clínicos do campo freudiano – Irma. Textos da revista Ornica?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; O campo Freudiano no Brasil, 1994.
- LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo, Ed. 34, 1996.
- MILLER, D. As três transferências. In: MOTTA, Manuel Barros. *Clínica Lacaniana, casos clínicos do campo freudiano – Irma. Textos da revista Ornica?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; O campo Freudiano no Brasil, 1994.
- MILLER, J. A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- MILLER, J. A. *Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato*. Opção Lacaniana *on-line* nova série. Ano 5. Número 13, março 2014. ISSN 2177-2673 http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/Passagem_ao_ato.pdf
- SINATRA, E. Los psicanalistas contra la soledad globalizada. In: NAJLES, Ana Ruth. *Los psicoanalistas em la ciudad*. Medellín: La Carreta Editores, Nueva Escuela Lacaniana-Guayaquil, 2008.

O ABISMO DO DESEJO, UM ANTÍDOTO PARA A PANDEMIA

Graziela Vasconcelos

Aluna do curso Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana. Associada do Instituto de Psicanálise da Bahia.

A época em que vivemos é pandêmica, povoada por sintomas os mais diversos. Um mundo tomado por um vírus, que se nos impõe abruptamente um horror inassimilável. É frente a irrupção desse estranho infamiliar que o sujeito se paralisa, se desorganiza e parece experimentar com mais frequência o afeto da angústia. Lacan (1962/2005) vai nos dizer que a angústia emerge quando falta a falta e o objeto que deveria permanecer oculto, se apresenta. Parece que é disso que se trata o encontro com a Covid-19.

Freud (1916/2014), em seu percurso inicial à cerca da angústia, propõe o recalque como sua causa, como aquilo que, por impedir uma descarga de excitação, faria irromper a angústia. Já em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, ele faz uma crítica à sua proposição inicial e admite ser a angústia a causadora do recalque. Esta fora a segunda teoria freudiana da angústia.



Joe Webb - Selected collages - image-asset 2

Ainda em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud vai propor a angústia enquanto angústia de castração, que porá em ação o recalque e dirá então da inexistência de objeto na angústia.

Lacan, no Seminário 10, vai se opor a essa noção freudiana da angústia sem objeto e vai dizer que “a angústia não é sem objeto” (LACAN, 1962/2005, p.175). Ainda nesse seminário, ele situará a angústia entre o gozo e o desejo e dirá de um objeto que é ao mesmo tempo objeto da angústia e do desejo, o objeto a. Sendo objeto da angústia, o sujeito engendrará as mais insondáveis estratégias para mantê-lo sempre à distância. Importa notar que ao assim proceder o sujeito mantém também o desejo inacessível, ele guarda distância daquilo que seria capaz de dar um tratamento à sua angústia. Ao aproximar-se do desejo o sujeito guarda distância do gozo e ultrapassa a angústia. Lacan (1962/2005) vai nos dizer da angústia enquanto termo intermediário entre o gozo e o desejo e que é ultrapassada a angústia que o desejo se constitui.

Façamos um pequeno percurso na constituição do sujeito neurótico em sua articulação com o desejo, para compreendermos do que se trata a posição desse sujeito frente ao que ele considera um abismo, o próprio desejo.

A experiência do desejo, para todo sujeito neurótico, se dá, antes de tudo, por meio do Outro. O Outro, evocado pelo sujeito por meio da pergunta *Che vuoi?* que lhe é dirigida, é aquele que pode dar ao sujeito a resposta ao seu apelo. É aí, neste lugar de onde o sujeito lança a pergunta, que ele tem com o desejo seu primeiro encontro, “o desejo como algo que é, primeiro, o desejo do Outro” (LACAN, 1958/2016, p. 24).

O desejo do Outro é enigmático, opaco e o sujeito, por sua ausência de recursos, se vê ante ele em total desamparo. É por meio da experiência especular, ou seja, da relação entre o eu e a imagem do outro como fundadora da *Urbild* do eu, que se constitui em elemento imaginário, que o sujeito pode fazer frente ao desamparo da sua relação com o desejo do Outro. Para isso, é necessária a constituição da fantasia, como lugar por meio do qual o desejo poderá se situar. “A função da fantasia é dar ao desejo do sujeito seu nível de acomodação, de situação” (LACAN, 1958/2016, p. 28).

Em seu primeiro ensino, Lacan apresenta o matema da fantasia ($\$ \diamond a$), sujeito dividido, atravessado pela linguagem e mortificado pelo significante, em articulação com o objeto a. Esse matema esclarece o drama de qualquer neurótico, o de saber qual o seu lugar no desejo do

Outro e que objeto ele é para esse Outro. Em todo neurótico, “a questão é não se aproximar do objeto da fantasia, na medida em que ele desemboca no desejo do Outro” (LACAN, 1958/2016, p. 457). Em sua relação com o Outro como o lugar da fala, tesouro dos significantes, o sujeito se depara com a falta no nível desse Outro. Aquilo que aí falta seria o que permitiria ao sujeito se designar, causar a si mesmo e é quando o sujeito fraqueja em designar-se, que o objeto a intervém para suportar esse momento, como efeito da castração, objeto da fantasia. Miller vai dizer que se por um lado “o objeto a é a causa do desejo, ... em outro aspecto o significante é a causa do objeto a ” (MILLER, 2015, p. 85).

Se a questão do neurótico é não se aproximar do desejo do Outro, na neurose obsessiva esse esforço é bastante radical, pois qualquer possibilidade de aproximação do sujeito do desejo do Outro, o colocaria em posição de objeto, submetido a um gozo mortífero que engendraria no obsessivo uma angústia inibidora. A angústia, enquanto afeto que não engana, sinaliza uma perigosa aproximação entre o gozo e o desejo.

As atuais exigências impostas pela tentativa de contenção da propagação do vírus, nos convoca a um modo de vida obsessivo. *Lavar as mãos com água e sabão e usar álcool gel e desinfetar as compras e não abraçar e não apertar as mãos do outro e não se aproximar das pessoas e usar máscara e tirar os calçados antes de entrar em casa e lavar as roupas imediatamente após o uso e tomar banho dos pés a cabeça e não sair de casa e ... e ...*. Antes da pandemia, sintomas obsessivos, durante a pandemia, obsessivos em pânico.

O obsessivo é assolado pela questão de ser ou não o objeto que o Outro deseja. Para ele é preciso destruir o objeto que causa o desejo do Outro, no entanto, em sua relação com a mãe, esta sempre o coloca como o *objeto substituto*, logo é a ele mesmo que o obsessivo ataca e destrói. “Ele advinha a impotência em que se encontra de desejar sem destruir o Outro e, com isso, destruir seu próprio desejo, na medida em que ele é o desejo do Outro” (LACAN, 1966/1998, p. 636). Lachaud nos diz, “a partir do momento em que se afirma o desejo do Outro, o obsessivo desaparece. Ao negá-lo, poderá se afirmar e sustentar assim a permanência e a consistência de seu eu” (LACHAUD, 2007, p. 73).

Para resolver a questão do esvaecimento do seu desejo, o obsessivo o torna proibido. Essa proibição, sustentada na própria proibição do

Outro é o que possibilita ao sujeito sustentar o desejo. No entanto, para sustentá-lo é preciso que ele se apresente, ao que Lacan vai dizer, “um desejo proibido nem por isso significa um desejo sufocado” (LACAN, 1957/1999, p. 427). O obsessivo nos permite observar essa lógica em seu modo de funcionamento de uma forma bastante complexa, ao mesmo tempo em que ele mostra seu desejo, ele o interdita. Na neurose obsessiva interditar é sustentar o desejo como impossível. Ao que Lacan esclarece, “Quando digo que o obsessivo sustenta seu desejo como impossível, quero dizer que ele sustenta seu desejo no nível das impossibilidades do desejo” (LACAN, 1962/2005, p. 351).

Já dissemos da problemática da relação de objeto para o obsessivo, “nele toda relação de objeto equivalerá inevitavelmente à relação interdita” (LACHAUD, 2007, p. 99). O objeto de que se trata é correlato do desejo do Outro enquanto exigência de que o sujeito se apague, expressão máxima do gozo. Um gozo que irá colocar em movimento o circuito fechado da compulsão à repetição, que se apresenta nos sintomas. São os meios defensivos do obsessivo que manterão o objeto intocado.

No entanto, o perigoso abismo que o desejo representa para o sujeito, parece ser um caminho possível a ser trilhado na clínica psicanalítica dos dias de hoje. O que vemos são sujeitos submetidos a um gozo Outro, sem respostas para isso que se apresenta como traumático, convocados a se proteger por meio de sintomas obsessivos que se repetem e cujo ciclo só poderia ser rompido por meio do desejo que faz advir o sujeito.

Referências

- ALVARENGA, E. *A Neurose Obsessiva no Feminino*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.
- FREUD, S. (1909). Observações sobre um caso de neurose Obsessiva. In: *Obras Completas*, v.9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- FREUD, S. (1916). Conferências Introdutórias à Psicanálise. In: *Obras Completas*, v.13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, S. (1926). Inibição, Sintoma e Angústia. In: *Obras Completas*, v.17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- LACAN, J. (1957). O Seminário, livro 5: *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- LACAN, J. (1958). O Seminário, livro 6: *O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2016.

LACAN, J. (1960). O Seminário, livro 8: *A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

LACAN, J. (1962). O Seminário, livro 10: *A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. (1975). O Seminário, livro 23: *O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LACHAUD, D. *O inferno do dever*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

MILLER, J.-A. *O osso de uma análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

INTERCÂMBIO

O ACOLHIMENTO PSICANALÍTICO NO INTERVALLE-CAP¹: PRINCÍPIOS E APLICAÇÕES²

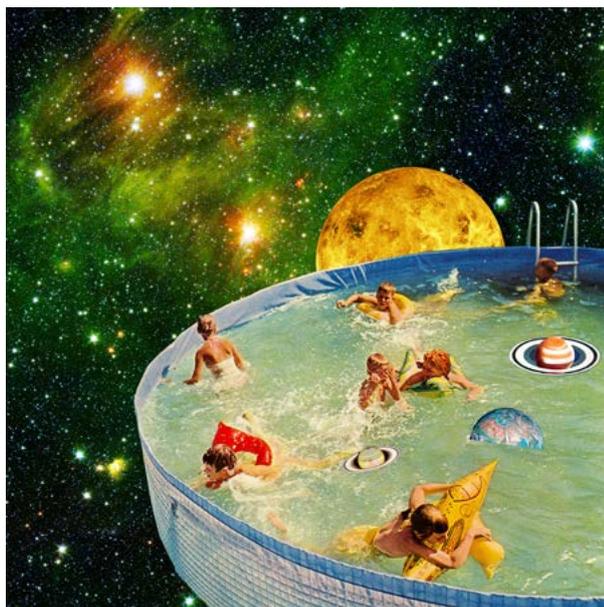
Catherine Meut

Diretora do Intervalle-Cap. Membro da École de la
Cause Freudienne e da Associação Mundial de Psicanálise

Mathieu Siriot

Psicólogo da Intervalle-Cap

Há quatorze anos atrás, abrimos um centro de acolhimento psicanalítico com psicólogos clínicos, participantes do primeiro Atelier de Psicanálise Aplicada da ECF, criado por Jacques-Alain Miller. Oferecer um acolhimento psicanalítico a algumas pessoas mais pobres e vulneráveis foi um projeto inovador. Por isso, ele foi recebido com interesse e curiosidade no campo social e também no meio psicológico.



Eugenia Loli - Screaming Children in Pool - 2016

A criação do *Intervalle-Cap* em Paris foi - e ainda é hoje - um ato de resistência contra a ideologia atual que submete cada vez mais o atendimento psíquico e o sujeito a critérios de adaptação e competência social.

¹ A Intervalle-Cap fica na Rua Regnault, número 58, em Paris. Para mais informações, acessar o site institucional: <https://sites.google.com/site/capintervallepublic/home>.

² Texto apresentado em julho de 2018 no Núcleo de Psicose (IPB).

Tratava-se de criar um lugar diferente, outro, nem médico nem social: um lugar livre para a fala e de qualquer objetivo pré-estabelecido de adaptação e cura.

Acesso livre e gratuito

O acesso ao *Intervalle-Cap* é simples e rápido. Você pode vir e ser recebido sem ter marcado uma consulta. Além disso, as entrevistas são gratuitas. Essas condições de acolhimento praticamente sem restrições e muito flexíveis eram completamente novas para um dispositivo de orientação psicanalítica.

Graças a elas, o *Intervalle-Cap* é um lugar ao qual podem se endereçar os sujeitos que estão em uma grande vulnerabilidade psíquica e social, os sujeitos desorientados, muitas vezes sem trabalho ou mesmo sem domicílio fixo, na errância e que testemunham o instante mesmo da sua ruptura social. Pela escolha decidida dessas condições de acolhimento audaciosas, que facilitam seu acesso, a *Intervalle-Cap* é, de fato, um lugar que acolhe a urgência subjetiva. Seus praticantes lidam com o real em jogo da urgência subjetiva.

Clínica de fim de semana: escansão

O que também caracteriza esse lugar é sua abertura limitada ao final de semana, sábados e domingos durante o dia, sem interrupção. De fato, no fim de semana, muitas estruturas de atendimento ou sociais estão fechadas ou menos disponíveis. É o momento de suspensão das obrigações e compromissos sociais, para se dedicar à família, aos amigos, aos lazeres e às compras. Assim, esse momento dá lugar também a uma clínica do vazio e do isolamento. Para muitos, este momento se traduz em ansiedade, pensamentos negativos ou suicidas, dor física, errância, alcoolismo.

Assim, no fim de semana, *Intervalle-Cap* oferece um tempo e um espaço para fazer uma pausa, uma escansão, em contraponto ao resto da semana. Lugar de refúgio contra o isolamento e a errância, o acolhimento psicanalítico é uma presença do corpo e da fala de seus praticantes.

Este acolhimento não faz parte da lógica tradicional de tratamento ou de atendimento, com consulta marcada, obedecendo a um protoco-

lo porque ele opera em primeiro lugar no *hic et nunc*, o aqui e agora do encontro, da urgência.

Uma prática entre vários inédita

Há outra disposição bastante específica para este lugar: de um fim de semana a outro, os praticantes se revezam, trocam. Quando uma pessoa volta uma segunda vez, muitas vezes, ela não encontrará necessariamente o mesmo praticante.

Se o praticante que recebe não é sempre o mesmo, a série de interventores não é infinita. Um sujeito encontra um praticante e fala com ele; nas próximas vezes, ele encontra outros. Depois de alguns finais de semana, ele pode encontrar o primeiro interventor e os outros. Neste ínterim, algo foi tecido, uma dimensão temporal se instaura e o trabalho não se fixa em uma repetição. Ele leva a um esforço, digamos, renovado, do lado do sujeito e uma renovação da escuta do lado do praticante.

De fato, a experiência mostra que essa organização se adapta a muitos dos quais recebemos que têm uma relação muito problemática com a linguagem e a fala, e que não estão prontos para se endereçar desde o início e regularmente a um único praticante, pelo menos num primeiro momento. Trata-se de um engajamento com o Outro que pode ser muito difícil, se não impossível, para eles. Aqui, o sujeito usará a estrutura do *Intervalle* a seu próprio critério, de acordo com seu ritmo e uso pessoal, cujo único saber é que ele terá que se endereçar a um praticante. Isso responde à liberdade desses sujeitos marcados por rupturas em suas vidas, cujo laço com o Outro é tênue, desconfiado, o que chamamos de precariedade simbólica, termo forjado por Hugo Freda na época em que dirigia o CPCT Paris-Chabrol (FREDA, 2007).

Opera-se, então, para estes sujeitos, uma «transferência» com o lugar e com o conjunto dos praticantes que permite evitar ou atenuar os fenômenos persecutórios sempre presentes no encontro com um único praticante. É uma transferência que inclui a possibilidade de um acolhimento, ao mesmo tempo contínuo e descontínuo, do qual os sujeitos se apropriam, e dizem algo, a cada vez, de maneira singular. Com esta organização especial do nosso trabalho, introduzimos um tipo novo de Outro, pluralizado, menos ameaçador, que acolhe sua fala e que sobretudo não exige nada.

Ao mesmo tempo, o que faz a coesão e o enquadramento deste trabalho entre vários é a formação psicanalítica comum a seus praticantes: todos em posição de analisantes, inscritos numa transferência ao discurso analítico. Caso contrário, essa prática de acordo com estas modalidades especiais de aplicação da psicanálise em instituição, não seria possível. As anotações clínicas regulares da parte dos vários praticantes que recolhem os ditos do sujeito, seus significantes, permite regular e controlar esse trabalho entre vários, como o de cada interventor. O exercício regular de escrita dos casos, a partir destas notas, engaja também os praticantes.

O acolhimento psicanalítico?

O que os sujeitos que se endereçam à *Intervalle* nos confiam é sobre um gozo mortífero, invasivo, que os transborda, afeta seus corpos e os isola do Outro. Os praticantes são chamados a responder, sem pressa, produzindo «atos», formulando uma fala, realizando intervenções simples que operam um corte, uma parada, uma borda, para limitar o gozo.

Trata-se de recolher o fora de sentido do gozo, o fora do discurso, de acentuar, registrar, memorizar os significantes SI isolados, desamarados, os significantes petrificados que fixam uma identificação, mas também aqueles que nomeiam um gozo, indicadores de uma conduta repetitiva; reconhecer também aqueles que apaziguam, que têm um efeito de pontuação, de parada. Por essa primeira operação, e, pela a segunda, ponderada, do «diálogo», alguns sujeitos poderão, em um segundo momento, construir, minimamente, uma história, a que chamamos de efeito de sujeito.

A *Intervalle* baseia sua ação no discurso psicanalítico e na sua ética. Em primeiro lugar, este discurso dá lugar ao gozo.

Primeiro efeito do apaziguamento: a descoberta de um lugar baseado em um discurso no qual pode vir se alojar o gozo sem que isso retorne, ecoe em um Outro e suas demandas, suas perguntas intrusivas e suas exigências. Um lugar livre, no seu princípio, não apenas de qualquer objetivo de cura, mas sobretudo de qualquer imperativo de adaptação.

Nessas condições éticas, as da psicanálise, o sujeito pode encontrar uma presença suportável, a do praticante incompleto por esse discurso.

Um praticante que não encarna o sujeito suposto saber sobre ele, mas que leva em conta, prioritariamente, a relação traumática que o sujeito mantém com a linguagem, com o Outro. Uma prática que aposta sempre na responsabilidade do sujeito.

Mas, são também as condições concretas, pragmáticas, do exercício do enquadramento geral estabelecido para o acolhimento do *Intervalle-Cap* - no qual os participantes se inscrevem - que permitem os efeitos de apaziguamento da angústia, de limitação do gozo. Assim, os praticantes e entrevistas, vários e diferentes, formam um conjunto de elementos discretos, um conjunto ao mesmo tempo finito (a série finita dos interventores ligados por uma mesma ética e na posição de analisantes) e incompleta (posição de revezamento da estrutura / seus parceiros e pluralização do Outro barrado pela permutação dos praticantes que abre também para um outro lugar). Esse conjunto constitui a flexibilidade e capacidade de manobra da instituição do qual o sujeito poderá fazer uso, no seu próprio ritmo, para se orientar e se reconectar de maneira menos ameaçadora ao Outro, respeitando a sua liberdade.

Finalmente, a *Intervalle-Cap* permite um manejo descontínuo do tempo que produz efeitos de borda, de limite: a abertura circunscrita nos dois dias do fim de semana em oposição significativa aos dias úteis da semana, a escansão da consulta única ou, ao contrário, a pluralidade das entrevistas em um mesmo dia, separadas por intervalos de tempo - o tempo da presença, cadenciado pelo sujeito no local. Esse manejo do tempo, que respeita e segue o tempo lógico do sujeito, determina, assim, uma clínica que visa «deixar a emergência na porta» (LEGUIL, 1995, p. 30). Uma clínica que procura evitar que o sofrimento agudo do sujeito se torne uma emergência psiquiátrica, que sua angústia não repercuta numa lamentável passagem ao ato.

Psicanálise aplicada e conclusões

A validade de uma prática, segundo a orientação lacaniana, é verificada nos seus efeitos para o sujeito no real, uma modificação de sua relação com o real. O termo «Psicanálise Aplicada» foi criado por Jacques Lacan em 1964, no seu ato de fundação da EFP. Jacques Lacan criou, junto à seção da “psicanálise pura”, o que poderia se esperar de uma seção da «psicanálise aplicada» e especificou sua intenção acrescentan-

do: “[...] o que significa terapêutico». Stevens, que foi um dos primeiros a inventar uma nova prática com a criação há 30 anos do *COURTIL*, instituição de atendimento para crianças psicóticas em Tournai³, lembrou que não há modelo nem receitas de instituição de psicanálise aplicada. O *Intervalle-CAP* é um modelo que não existia antes e cujo acolhimento tem suas especificidades que determinam, em parte, a clínica que ali se descobre.

Cada instituição lacaniana de psicanálise aplicada tem seu estilo particular, um modo de acolhimento que tem suas particularidades e que não se sustenta somente no estilo de seus praticantes, mas também no seu modo de organização e de inserção no tecido social e também nas relações que mantém com a política. Assim, a prática entre vários não será realizada sempre da mesma maneira.

O termo «prática entre vários» foi criado por J.-A. Miller para designar o novo trabalho clínico realizado por várias pessoas em 1974 no *Antenne 110*, outra instituição pioneira para crianças autistas dirigida por A. Di Ciaccia.

A prática entre vários é particularmente indicada e mesmo desejável quando «a demanda analítica é forcluída e que a aliança do sujeito com o significante se tornou frágil» (CIACCIA, 2005, p. 118) por um gozo mortífero, diz Di Ciaccia e, neste caso, acrescenta: «A prática entre vários pode revelar uma certa validade operatória” (p.118).

O acolhimento psicanalítico na instituição é um dos nomes da prática entre vários, prática entre vários de psicanálise aplicada ao tratamento do gozo psicótico. O acolhimento psicanalítico para esses sujeitos tem como propósito terapêutico o efeito de capitonagem do gozo. Requer que o praticante esteja à altura do ato convocado pelo real que surge da experiência, que ele tente «ficar no nível do real» (MILLER, 2001, p.11).

A posição ética do praticante orientado pela psicanálise, que a distingue de todas as outras posições psicoterapêuticas existentes, é que «ele não precisa se inserir no laço social prescrito pelo discurso do mestre” (MILLER, 2010, p. 15). Jacques-Alain Miller nos lembra também que «o discurso do mestre acredita na saúde mental», acredita “nesse ideal

³ Recomendamos assistir o recente e formidável filme/documentário sobre esta instituição de psicanálise aplicada intitulado «A céu aberto», de Mariane Otéro.

que é proibido ao analista». O psicanalista mantém-se à distância desse ideal e procura manter-se o mais próximo do real traumático com o qual esses sujeitos lidam diariamente.

A noção de “acolhimento psicanalítico”, termo que foi utilizado pela primeira vez com a criação do *Intervalle-CAP*, inspirou outras instituições. Recentemente, foi criada a FIPA, a Federação das Instituições de Psicanálise Aplicada, que reúne as instituições mais ou menos antigas, dentre elas o *CLAP - Passagem pour les tous petits*⁴ (Centro Lacaniano de acolhimento Psicanalítico). Outra, criada para receber adolescentes, *Paradoxes*.

O *Intervalle-Cap* é uma estrutura que sustenta uma prática inédita cuja liberdade de ação é favorecida pela sua margem de manobra, pelo seu modo “kit”, instalação pronta para desmontar e remontar em qualquer lugar favorável ou não hostil ao discurso psicanalítico, lugares que se tornaram raros. É um modelo entre outros.

Referências

CIACCIA, A. D. La pratique à plusieurs. Em: *La Cause Freudienne*, n° 61, pp.107-118, 2005.

FREDA, H. La précarité. Em: *La Cause Freudienne*, n° 65, mars 2007, p. 213-219.

LEGUIL, F. La sévère rigueur de ce moment qui passe. Em: *Quarto*, n° 58, décembre 1995, p. 30.

MILLER, J. A. Le réel est sans loi. Em: *La Cause Freudienne*, n° 49,2001.

MILLER, J. A. Le salut par les déchets. Em: *Mental*, n° 24, p.15, 2010.

⁴ Primeira infância, de 0 à 4 anos.

“(UM)DEMIA”: NOVAS LIÇÕES DE UM DESPERTAR?

Pauleska Asevedo Nobrega

Participante da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Nordeste

A alegoria mítico-religiosa do pecado original de Adão e Eva, pode muito bem ilustrar o paradigma da incidência do gozo no coração do laço social, tema tão caro à Lacan. Na medida em que também denuncia a falácia da existência de um paraíso possível, a modalidade de gozo de cada ser falante torna a subversão muito próxima da constituição humana ou mesmo, o seu fundamento.



Eugenia Loli - Pleiadian Surfer - 2016

Os riscos fatídicos num contexto de pandemia convocaram nos confins do simbólico, uma mutação no laço social a partir da interdição de um modo de gozar já conhecido em seu empuxo ao ilimitado (BASSOLS, 2017). E aqui nos cabe, sobretudo, também observar os limites desse simbólico diante da radicalidade de uma descontinuidade. Quando a finitude tem sua nuance apocalíptica, de rachadura, mas também de forçamento. Através do semblante de superioridade num universo heterogêneo, o homem domina, coloniza, explora e invade para gozar de propriedade, imerso na armadilha de que tudo o que já lhe está dado é seu, portanto, inesgotável, independentemente dos seus atos. Sem se dar conta de que,

se a crença na imortalidade do gozo se sustenta, é apenas fantasmaticamente ou delirantemente, encobrendo assim a sua ferida narcísica, pois a vida, o desejo e o gozo somente se articulam a partir do que não se pode inscrever no real, como diria Bassols (2017).

Nos diz Lacan (1964), que o Nome-do-pai sustenta a estrutura do desejo como da lei, mas a sua herança, a qual nos designa, é o seu pecado. Quer dizer, a força da transmissão de um gozo embaraçador que está num para-além da lei, é sempre imperativa, ao passo que esse império é desprovido de todo e qualquer aparato simbólico. O coronavírus, apesar de não ser um corpo falante, enquanto vírus, não é sem os corpos e, tem posto o falante dos corpos em ação. Diz-se que a sua mensagem é sobre um novo normal. Se esse fenômeno introduziu uma barra no cerne do laço social, aquela que divide ou separa, tempos, espaços adversos e, sujeitos, consideremos o seu para-além, muito mais do que apenas a sua face de uma interdição subjetiva. A profecia nesse aspecto traz algo de patético, além de mortífero e, põe em causa uma questão estrutural: a debilidade humana.

Para Lacan, essa debilidade é, antes, a sua interpretação para a precariedade do aparelho de linguagem estancar simbolicamente o gozo como tal e seus efeitos. Para a psicanálise, a debilidade não é tratada como uma deficiência cognitiva, mas como uma questão ética da relação do sujeito com o seu gozo, com o Outro e com o falo no tratamento do real pela linguagem.

Segundo Márcia Rosa (2008, [s/p]), baseando-se nas leituras que faz de Platão, Ernest Jones e Hamlet na obra de Shakespeare, Lacan elaborou a debilidade a partir de três formulações do aparelho da linguagem frente ao real: “como inibição intelectual, como incapacidade de colocar o desejo do Outro em questão e, finalmente, como incapacidade de instalar-se solidamente em um discurso”.

Pois bem, a pandemia nos convoca a um estado de guerra, no limite das trincheiras de gozo e nos põe à prova eticamente. Nesse sentido, as formulações postas por Lacan em relação à debilidade poderiam orientar a leitura desse momento? Como seria pensá-lo um terreno fértil para um esforço de mobilizar essas defesas? De alguma maneira, a desinibição intelectual como uma revisão da própria relação com o gozo que é sempre autoerótico, mas que repercute no social; a desfami-

liarização do desejo do Outro, e, a posição não vacilante do sujeito em um discurso, como um ato desejante, serviriam a alguns despertares na lida com o real.

Um pensamento adequado enquanto pensamento, no nível em que estamos, evita sempre – ainda que para se reencontrar em tudo – a mesma coisa. O real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar – a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, onde a *res cogitans*, não o encontra (LACAN, 1964, p. 55).

Para-além da dimensão de interdição, há o real no horizonte dos despertares da debilidade constitutiva. A China derrubou as suas muralhas, contrariando a tendência do levantamento de muros de alguns líderes políticos no século XXI. A ideia de unificação da antiga Babel, foi decodificando os discursos que pulverizavam um certo real dos liberais, em sua pluralidade, como diria Laurent (2019). A saber, os excessos do consumismo do economicamente correto, do *welfare state* do homem moderno que separa os corpos através de um em-si-mesmamento, cada qual com o seu micro-empresendedorismo. O capital lançado ao zênite social em vôos cada vez mais sem fronteiras, não impediu a errâncias dos corpos mortais, denunciando a instauração já anterior de uma sonífera ilha, onde jazem aqueles adormecidos na solidão dos um-sozinhos.

No dilema de uma batalha inédita contra o inimigo invisível, como assim fora chamado por alguns chefes de Estado, o que o vírus viria a encarnar de obsceno? Se a pandemia evocou o fenômeno da contaminação que ocorre mundialmente, não quer dizer que ela tenha feito dos humanos vulneráveis ao vírus, todos irmãos (ainda que todo romance familiar não passe de uma debilidade coletiva). Pelo contrário, o modelo de um gozo segregador tem operado ativamente no campo social (MACEDO, 2020), para fazer existir o Outro que não existe, seja através da ciência, da economia, da igreja, da política, da saúde, etc.

E é quanto ao que os significantes mestres de cada época mobilizam em termos pulsionais, que a psicanálise sempre esteve advertida, pois diante da inadequação da palavra à coisa, o real não pode senão

mentir a quem se destinam esses significantes, já que não cessa de não se escrever, fazendo da verdade uma utopia sempre capenga. Por isso, segundo Miller (1996), o termo despertar é uma das nomeações de Lacan para o real enquanto impossível, o que não isenta da responsabilidade para com essa fábrica de discursos que comportam os semblantes projetados enquanto verdades universais de uma época.

Com base em Lacan (1962-1965), na relação da angústia com o desejo do Outro, o êxito da inibição, nesse caso, seria paralisar, impedir o movimento ou não enxergar a dificuldade, numa evitação da angústia, logo, do desejo que daí poderia advir. Quando está em exercício persuadir o outro de que ele tem o que pode nos completar, jamais está em causa o “eu não sei” irreduzível que aponta para a falta, diria Miller (2011). A inibição intelectual a nosso ver, poderia ser uma das respostas ao ideal totalitário forjado no Outro social, de modo não dialetizável, um verdadeiro confinamento.

A clínica nos tem interpelado de forma pragmática: quanto custa uma vida? No contexto atual, o abismo da crise financeira indica que a moeda já não tem a sua potência de mais-valia quando concorre com a vida humana, ao menos não, quando é esta que está em crise. Se não se tem uma vida para ser vivida, para quê moedas? Elas perdem o seu sentido ou, agora mais do que antes, revelam a sua dimensão de *non sense*. Quando a economia numa sociedade passa a ser obrigatoriamente revisada, o que dizer das classes sociais? O que dizer do invisível e indizível dos guetos segregados em castas de valor? No Brasil, em sua particularidade, com essa crise desvelam-se outras crises, como o parasitismo do Estado em relação ao povo brasileiro, lançando-o ao desafio de uma escolha impossível: ou a vida ou o capital. Mas a especulação financeira é acéfala, objetal, fetichista, segundo nos ensina o marxismo, na medida em que impõe uma lógica da sobrevivência, da mercadoria fora do circuito de trocas (MARX, 1867/ 2013).

Uma vez que a morte no horizonte do ciclo da vida humana está para todos, por outro lado, não temos visto que diante do vírus, somos todos mortais. Ele não nos põe num mesmo barco quando na condição de mortais, atinge a uns e não a outros, escolhidos para não morrer. A fantasmagoria do capital inflável, assalta o ser falante e sequestra o desejo numa onda apocalíptica que antecipa o fim. Na ausência de uma

política em respeito à condição de que se esteja vivo para se gozar dela, da vida, caberá a cada um, de soslaio, questionar-se sobre o invisível, cuja alienação significativa impõe simulacros e avatares de uma verdadeira pandemia de Outros. “Ora, ocorre que o significante 1 tem a virtude de adormecer. Adormecer é o feito primário de todo discurso, e isso vale igualmente para o analista quando ele se abandona à escuta de seu paciente, à hipnose ao avesso” (MILLER, 1996, p. 103).

E, então, à serviço da psicanálise, inserir a subjetividade, diz Lacan (1962-1965) compreendida por ele freudianamente: “O que o Outro quer de mim?” (p.14). É fundamental, não para atender prontamente a essa demanda, mas para questioná-la sob a ética do despertar do desejo, desfamiliarizando-se dela e dos discursos múltiplos de sentidos com seus imperativos de gozo segregacionistas. Num mundo onde a loucura é generalizada (pan), no nível em que a debilidade mental é o *status* constitutivo do *parlêtre* através da mobilidade singular dos seus modos de gozo, como afirma Miller (2011), logo, não haveria possibilidade de um retorno à normalidade, essa que nunca existiu.

A psicanálise insiste sobre a avaria dos discursos sociais, quando no discurso analítico engendra o desejo do analista à serviço do bem-dizer; no ensaio do indizível frente à obscenidade. Em seu exercício subversivo, ao levar em conta o mistério do corpo falante para além da ameaça viral sobre a matéria, o analista aponta que o real mente para todo o mundo e que por isso, a verdade é mentirosa sem exceções, no nível em que todo o mundo está louco, ou seja, débil. Perceber a contingência do modo de gozar, captado como fora do sentido, não diz respeito à contingência do vírus – se bem que poderá advir dela; mas do Um, onde o Outro não faz mais cópula. A presença do analista é o que faz borda separadora do universal, preservando a elucubração singular de saber que cada um pode fazer sobre a sua parcela de real. Que ateste com a sua presença o encontro com o real, a debilidade singular de cada um, mesmo quando o imperativo é de que os corpos estejam de fora. Fazer um corpo é sustentar o que há de subversivo na irrupção do caos, não perdendo de vista que o analista é uma manifestação do inconsciente. E, serve ainda de inspiração do duro desejo de um despertar não-todo fálico. O respeito à análise, não estaria em normatizar ou educar o fora do sentido do gozo cooptado dos discursos que hipnotizam ou fazem

dormir, mas, ao cumprir com a sua “[...] função de escandir o encontro sempre faltoso com o real, aquele se passa entre sonho e despertar” (MILLER, 1996, p. 105).

Ir além do delírio ou do sonho, em certa medida sempre catastrófico na loucura de cada um, diz do consentimento do analisante em se aproximar daquilo que a princípio, nada quer saber, para formular a sua diferença absoluta. O sonho da borboleta de Tchuang-tsé¹, traz o vazio de sentido frente ao dilema de saber evocado pelo real, quando ele não sabe se, enquanto homem sonhara que fosse uma borboleta ou se, enquanto uma borboleta, sonhara que fosse um homem. Para a psicanálise entre homem e borboleta, há que saber-se extrair uma diferença singular num oceano de debilidades. Assim, a pandemia poderia dar lugar ao agenciamento do Um, com o que a psicanálise preza da relação do campo uniano com o não-todo? Haveria lugar para a “(Um)demia”?

Referências

BASSOLS, M. *Lo feminino, entre centro y ausência* (1a ed.). Olivos: Grama Ediciones, 2017.

LAURENT, E. “*Esta es la época de los líderes autoritarios e inconsistentes*”. La Nation, por Fernando García, 2019. Disponível, em: <<https://www.lanacion.com.ar/opinion/biografiaeric-laurent-esta-es-la-epoca-de-los-lideres-autoritarios-e-inconsistentes-nid2317365>> Acesso em 01 de ago. 2020.

LACAN, J. (1964). *O Seminário*, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário*, Livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MILLER, J.-A. *Sutilezas analíticas: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós, 2011.

MILLER, J.-A. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MACÊDO, L. F. de. A biopolítica da pandemia. *Correio Express Extra. Rev. Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. 2020, 26 mar., n.5. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/26/a-biopolitica-da-pandemia/?highlight=luc%C3%ADola>. Acesso em 09 nov. 2020

MARX, K. *O capital: crítica de economia política. Livro I: O processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013 [1867]. Disponível em: <www.academia.edu/37390110/Marx_O_capital_Livro_1_Boitempo_>. Acesso em 09 nov. 2020.

ROSA, M. Lacan e a debilidade mental de Platão e Ernest Jones. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)* [online]. 2008, vol.14, n.2, pp. 37-46. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200003>. Acesso em 09 ago. 2020.

¹ Filósofo taoísta chinês, do século IV a.C, autor da conhecida fábula do sonho da borboleta, já citada por Jean-Claude Carrière, Jorge Luís Borges e Raymond Queneau.

DISCIPLINA DO COMENTÁRIO

A SESSÃO OBSOLETA E A PRESENÇA DO ANALISTA

Marcelo Magnelli

Associado IPB

O texto *A Sessão Obsoleta* foi publicado na Revista *El Caldero de la Escuela*, número 82, em final de 2000, com o título *La Sesión Obsoleta*. Em português, em 2001, compôs a Opção Lacaniana de número 30. Nele, Marcela Antelo busca articular porque a sessão analítica pode ser pensada como obsoleta, destacando a noção de presença do analista como fator



Joe Webb - Selected collages - Hot Off The Press

crucial para a justificativa desta impossibilidade de se reduzir as condições de uma análise ao que se coloca em jogo nos dispositivos virtuais.

Ainda na introdução, a autora destaca que, à época, estávamos imersos em uma popularização de recursos tecnológicos que permitiam estes encontros virtuais e isso tomaria o discurso analítico de surpresa. Em 2020, também nos vemos tomados de surpresa quando a pandemia do novo coronavírus exige justamente a adoção crescente de modos de relações onde se evite a disseminação do vírus e um empuxo-ao-virtual se mostra uma ação importante para a manutenção temporária dos encontros, não-sem o “regozijo tecnológico da época” (p. 22) que consiste em uma tentativa de controle sobre a voz, a imagem, e, até mesmo, os sinais vitais. Parece-nos que aqui há um curto-circuito: os sinais vitais foracluam a vida, justamente por ela não ser capturável pelos cálculos científicos.

Diante deste empuxo de hoje - e de ontem -, o que seria a presença do analista que se coloca em discussão? Para responder a isso, Antelo nos leva ao longo da obra lacaniana. No Seminário I, destaca a presença do que não é só o corpo (do analista) sentado na poltrona, mas sim algo de irruptivo que ocorre na sessão analítica. Esta presença não é fácil de ser vivida. É um sentimento relacionado a um mistério do qual mantemos distância, ao qual não nos acostumamos. Em seguida, nos lembra que o desejo é um modo de se tentar tamponar o lugar da presença real e o amor é um apetite de presença que serve de mola para o mais-de-gozar.

Os dispositivos tecnológicos pretendem um poder sobre este mais-de-gozar e seus objetos, ao permitir ao sujeito o controle sobre a presença do olhar e da voz. Ao unir-se ao corpo, os *gadgets* buscam tentar eliminar, ou manter sob controle, o que faz da presença real, excessiva. Este seria o sonho da ciência.

Marcela Antelo nos diz que a tese de Lacan sobre a presença do analista é de que

[...] há algo ininterpretável numa análise e que este algo é a presença do analista. Miller o resumiu na sua primeira aula deste ano dizendo que o analista encarna algo do gozo, a parte não simbolizada do gozo, a parte impossível de digitalizar (ANTELO, 2001, p. 24).

Colocar o corpo na jogada, então, não é garantia, mas cria as condições de possibilidade para que a presença analítica aconteça. Não há como provocar efeitos analíticos sem que tenhamos *skin in the game*¹. Só há leitura do inconsciente se há corpo, se há presença como disrupção.

Por outro lado, o encontro virtual convoca a uma “*transferência virtual*» (p. 24) onde, ao não se experienciar a presença real, elimina-se parte do gozo, assim como a vergonha, o que permite aos jovens, por exemplo, serem “*outros para ele mesmos*” (p. 24), como nos diz Antelo. Parece-me que, com isso, desconhecem de seu gozo feminino, desconhecem aquilo que os fazem não-todo, mantendo-se adormecidos.

¹ arriscando a própria pele

A transferência, portanto, está assentada sobre um gozo não assimilável, não exposto, envergonhável. Por isso “os não-pudicos erram” (“*Les non-pudes errent*”, parafraseando Lacan em seu Seminário XXI, *Les non-dupes errent*). A transferência encontra-se sustentada fundamentalmente no gozo de alíngua, que parasita o corpo, o que “*constitui sentido e suscita sentimento*” (LACAN apud ANTELO, p. 24). A transferência virtual, portanto, vela o gozo de alíngua com o pudor. O que supre o gozo feminino, de alíngua, aquém da fala, é o gozo fálico, que tampona o furo do sexual com sentido.

A autora nos fará ver, então, que convém não tomar a presença do analista como uma *atitude*, tal qual propõe Sacha Nacht (pós-freudiano da *ego psychology*) em seu livro *A presença do analista*. Em aula homônima de seu Seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan nos sinaliza que isso tornaria o analista captável, dissipável e não ambíguo. Antelo nos sinaliza que é esta a perspectiva que permite, por exemplo, que se produzam inteligências artificiais (IA) digitais com a função de intervir psicologicamente. A autora cita uma destas IAs, denominada Dr. Sbaits² (1990).

Ela vem na linhagem temporal de outras, como sua antecessora Eliza (1964-66) e sua sucessora ALICE (1995) e entra em série com outras mais contemporâneas, como Siri, Alexa e Google Assistente. Estas IAs teriam como pré-requisito passarem no Teste de Turing, que testa a capacidade de uma máquina de exibir um comportamento inteligente equivalente ou indistinguível de um humano. Se o avaliador não puder distinguir com segurança a máquina do humano, a IA passa no teste e todas as supracitadas passaram (GUNKEL, 2017, p. 7).

No entanto, como nos disse Miller (1997) em Lacan Elucidado, na linguagem computacional não há engano, mas sim erros, o que fundamentalmente estabelece uma diferença da linguagem humana. Com isso, para se passar no referido teste, o fator avaliativo se reduz ao efeito imaginário do duplo e seus engodos.

O *cybersex* está, então, aquém da produção fantasmática, porém os instrumentos tecnológicos virtuais restam a serviço da fantasia, cuja função é fazer adormecer e foracluir o corpo. O corpo se torna obsoleto.

Penso que a presença do analista é a presença de um gozo do cor-

2 Ainda disponível no link: <https://bitly.com/FhGYV>.

po, que pode ser lido a partir da fantasia neurótica, mas que não se resume a esta. É o despertar insuportável de um gozo não cifrável através da maquinaria significativa. Quando não há presença, adormecemos, impedindo a *mudança brusca* que é o encontro com o infamiliar.

Finalmente, fico com uma questão: em encontros virtuais, enquanto possibilidade de se apostar no tratamento possível... se o corpo se torna *obsoleto*, o infamiliar não se apresenta e o sujeito permanece adormecido, como sustentar a transferência enquanto motor de uma análise?

Referências

ANTELO, M. La sesión obsoleta. Em: *El Caldero de La Escuela*. Buenos Aires, v. 82, p. 22-25, 2000.

ANTELO, M. A sessão obsoleta. Em: *Opção Lacaniana*, v. 30, p. 53-55, 2001.

GUNKEL, Da. Comunicação e Inteligência Artificial: novos desafios e oportunidades para a pesquisa em comunicação. Em: *Revista Galaxia*, n. 34, jan-abr., São Paulo, 2017. p. 05-19. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/n34/1519-311X-gal-34-0005.pdf>

MILLER, J.-A. *Lacan elucidado*: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

NO MEIO DA PANDEMIA TINHA UM ANALISTA

Bruno de Oliveira

Associado ao IPB

No meio do caminho
tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio
do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho
tinha uma pedra
Nunca me esquecerei
desse acontecimento
Na vida de minhas retinas
tão fatigadas
Nunca me esquecerei
que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio
do caminho
No meio do caminho
tinha uma pedra



Joe Webb - Selected collages - Exciting New Project

Carlos Drummond
de Andrade

Foi na XVII Jornada de Psicanálise da EBP-BA que Pierre Skriabine, ao narrar um pouco dos bastidores de suas sessões com Lacan, colocou a questão da presença do analista com toda a opacidade de sua dimensão. Contou que, certa vez, enquanto aguardava sua sessão com Lacan, se deu conta, não sem angústia, que o mesmo

faltara. Desnorteado, Skriabine precisou encarar o desaparecimento desolador da imagem do seu analista cujo intrigante efeito foi decisivo no decorrer da sua análise. Como a não-presença de Lacan possibilitaria um efeito de análise?

Em seu texto *Presença do analista. Não sem o corpo...*, Christiane Alberti (2000), AME, Membro da ECF e da Associação Mundial de Psicanálise – AMP, parte do princípio de que a clínica pode ser definida como um encontro de corpos. Ressalta que a presença do analista é um efeito de que não se basta pelo corpo, contudo não se é possível sem este. Não é uma concepção de fácil entendimento, pontua Alberti, pois a presença do analista seria um pedaço de real que não se submete ao significante, preservando seu traço inarticulável, mas que possibilita a instalação da rede simbólica, cadeia de significantes. A presença opaca e enigmática do analista é, para o analisante, uma verdadeira pedra no meio do caminho, como diria Drummond ou, em termos lacanianos, um corpo real no coração do simbólico.

São por essas coordenadas que o relato de Skriabine parece se enveredar: na sessão seguinte, relatou a Lacan como foi desolador lidar com a não-presença dele. Ao fim da sessão, Lacan cobra a sessão que ele mesmo tinha faltado, embaraçando ainda mais a situação. Afinal, como cobrar por uma sessão sem o analista? Muito a contragosto, Skriabine paga a sessão, produzindo uma questão crucial, apreensível no só-depois: “que demanda dirijo a um Outro que falta?”

É justo nesse Outro a quem o sujeito dirige sua demanda, que Lacan convida o analista a intervir, fazendo surgir a dimensão real e enigmática da presença do analista. Enigmática porque há nesse Outro uma incógnita silenciosa que, segundo Alberti, se presentifica como o x da questão do desejo, onde o sujeito, sob transferência, é convocado a tecer um discurso sobre os significantes de sua própria demanda. Como coloca a autora, “há um osso real para o amor de transferência, é a presença do analista” (p. 56).

É esse osso real, opaco, ou, como coloca Drummond, essa pedra, que Lacan faz surgir, no meio do caminho de um Skriabine perplexo, quando demarca a falta do Outro a partir da ausência da incorporação imaginária do analista. A imagem cai e provoca um desvio do eixo ima-

ginário em direção ao real que convoca o sujeito a falar. Aliás, é bem pertinente propor que é justo este ponto de opacidade, livre do significante, que demarca o caminho. Só há caminho porque há uma pedra.

Diante disso, é importante questionar a dimensão da presença do analista frente à atual conjectura pandêmica. O avanço viral põe em cheque a experiência analítica ao propor um distanciamento dos corpos, reduzindo o dispositivo da sessão analítica à meras imagens na tela? De que presença se trata na modalidade *on-line*? Seria a experiência analítica mais uma dentre tantas outras vítimas do *co-vid19*?

É inegável que a modalidade *on-line*, impulsionada pelo avanço implacável do vírus, coloca seus impasses tal como uma pedra no meio do caminho, mas vale lembrar que Freud, como bem resgata Alberti, ensina a fazer do obstáculo um instrumento para análise. Lacan (1964/1988) também nos orienta, no seminário 11, que a presença do analista não se reduz à sua pessoa, pois ela é, antes de tudo, uma manifestação do inconsciente, que por sua vez é a “soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” (p. 122). Pelo visto o vírus veio para por isto à prova.

O desafio na atual conjectura pandêmica talvez seja apreender o que seria um esboço de uma análise *on-line* ao lidar justamente com a falta da imagem convencional de analista e analisando no consultório e se deparar com o que há de real na transferência: a iminência da morte imposta pelo vírus nos mantém ilhados cada um com sua tela e nos desafia a inventar uma forma de escutar um sujeito que insiste através dos chiados e ecos das conexões, que se articula e desarticula com as quedas da internet ou se assusta com sua própria imagem na tela.

Engana-se quem encara a pedra de Drummond ou o sumiço da imagem de Lacan para Skriabine como aquilo que faz obstáculo à fala. Miller em *O Osso de uma análise* (1998) é categórico ao interpretar Drummond quando diz que “é pelo caminho que a pedra existe, mas é também pela pedra que o caminho existe” (p. 31) e o mesmo pode ser dito de um percurso de análise. É por existir uma pedra, um analista, esse pedaço de real; essa presença da ausência que um caminho pode advir. Não recuemos.

Referências

ALBERTI, C. Presença do Analista. Não sem o corpo. Em: *A sessão analítica: dos riscos éticos da clínica/textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MILLER, J. A. *O osso de uma análise*. Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise. Bahia: Biblioteca – Agente, 1998.

O ANALISTA ENTRE O DIVÃ E AS TELAS

Vanessa Serpa Leite

Associada do IPB

Ainda na passagem do século XX para XXI, Miller (1999) dá uma célebre entrevista sobre o uso do divã e a portabilidade do corpo na psicanálise, mediante o aumento dos recursos tecnológicos; questões estas que nos parecem caras no momento atual por conta da pandemia mundial do *Covid-19*, em que a norma tornou-se o atendimento psicanalítico por meio de tecnologias digitais, via telas de computador e celular que transmitem imagem e voz. Desde o início da urgência do isolamento e afastamento social, analistas e praticantes da psicanálise vem debatendo a diferença da presença do analista em carne e osso na sessão e a presença do analista através da voz e da imagem, onde o objeto divã não está disponível como na cena enquadrada pelo consultório do analista.

Um dos pontos principais trazidos por Miller (1999), a partir das perguntas de Eric Faverau, diz respeito ao verdadeiro objeto da psicanálise,



Eugenia Loli - Dry Cleaning - 2013

que é o psicanalista, e não o divã. Para Miller, o psicanalista é o objeto que Freud inventou na medida em que ele é capaz de se fazer objeto. Logo, o divã não passa de uma cama onde um corpo se despe de seu formato ativo e imaginário para que o falasser se encontre com o que há de resto. Nessa perspectiva, transmite a ideia de que o divã é um objeto capaz de deixar presente e ao mesmo tempo ausente a relação sexual, na medida em que possibilita o ser falante se entregar totalmente à experiência do encontro com o corpo parasitado pela palavra. Ora, se o divã não é o cerne da experiência analítica, mas sim o analista como objeto, sabemos que é o ato do analista em oferecer ao falasser o lugar de encontro com sua própria estranheza que confere o estatuto da psicanálise.

Miller (1999) esclarece que o divã serve para amputar a motricidade, deixando materializado esse corpo derrotado e abandonado. Em seguida, defende que a presença virtual possibilitada pela tecnologia tropeça na medida em que sabota o real. Ou seja, alerta que a co-presença em carne e osso é necessária apenas para fazer surgir a não relação sexual. Numa sessão, analista e analisante não estão juntos para se ver, e o divã é justamente o objeto que representa isto: deixar surgir a não equivalência. Segue, então, a pergunta: como provocar e sustentar o encontro com o real em modo *on-line*?

Recentemente, Vieira (2020), em *live* da SPCRJ intitulada *A janela e o vizinho*, questiona a possibilidade de provocar o encontro com o estranho nas sessões *on-line*. Segundo ele, aquilo que causa uma certa estranheza é o próprio da sessão analítica. O psicanalista quer ver o que não está na janela, no enquadre da realidade psíquica, aquilo que não é reconhecido pelo eu. As sessões *on-line* têm ocorrido normalmente no ambiente familiar, no espaço próprio e íntimo do analisante. Dessa forma, Vieira vai trazer que o encontro interpessoal, ou a baliza entre os corpos, é necessária para contornar a realidade psíquica e então fazer aparecer o que está fora desse enquadre. O que é trazido como “estranho” é o mesmo que Miller já apontava em 1999, quando questionado sobre a presença do divã.

Ainda anteriormente à entrevista dada à Eric Faverau, Miller (1990) discute as mudanças ocasionadas pelo discurso da ciência, com o advento do fax e o uso do telefone. Nesta época, destacou que o fax modi-

ficava a relação de proximidade e a relação de vizinhança, ocasionando uma certa aceleração nos atos individuais, enquanto o telefone provocava uma ilusão da presença do outro, como uma falsa presença. Dessa forma, vemos que, desde o início da década de 90, se discutia formas inéditas de presença permitidas pela tecnologia e de que maneira isto afeta as relações humanas, logo, o fazer do analista. Mais além do divã como o verdadeiro objeto da psicanálise, é a presença do analista que está em jogo nesta querela. Presença esta que quanto mais o modo virtual de relação se banaliza, mais a presença real se torna preciosa, nos diz Miller na entrevista dada em 1999.

Para concluir, e muito distante de um ponto final nesta discussão, Miller (1999) considera que o analista é um objeto muito particular, que permite à alguém à se experimentar, como falasse sem saber o que se quer, nem o que se diz, nem mesmo a quem se diz. Diante disso, devemos pensar como manobrar e atuar na falsa presença sem sabotar o real. Não se trata, então, da discussão sobre a ausência do objeto divã, mas sim da busca dos alicerces da prática para fazer incidir a presença do analista mesmo com as modificações que a ciência provoca no encontro entre corpos, inclusive quando esses corpos são afastados e afetados pela invasão de novos e mortíferos agentes biológicos que vêm desvelando o real em cada singularidade de modo inédito na história humana.

Referências

MILLER, J.-A. (1999). *Le divan. XXI e siècle*. Demain la mondialisation des divans? Vers le corps portable. Par Eric Favereau. AN 2000. Les objets du siècle.

MILLER J.-A. (1990). A pergunta de Madri. Em: *Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da Escola Brasileira de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018.

VIEIRA, M. A. *A janela e o vizinho. 3ª live da SPCRJ na série "Vicissitudes dos encontros on-line"*, 2020. Disponível em <https://youtu.be/D4BBi05Sb2U>.

RESENHAS

GÊNERO E PSICANÁLISE

Wilker França

Associado do Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB)

Entre uma visão naturalista que equivale o gênero à programação biológica e uma culturalista que pensa o gênero exclusivamente como uma submissão às normas, Clotilde Leguil (2016) em *O ser e o gênero: Homem/Mulher depois de Lacan* propõe uma terceira via que tem como bússola a orientação lacaniana.

O título do livro já aponta para a discussão do gênero e sua relação e diferenciação com o ser. A autora introduz a noção de singularidade apontando para um lugar que passa necessariamente pela relação não anônima de cada um com o desejo e o gozo. O mesmo título também nos orienta para o estilo da autora que se serve do Lacan para alcançar a subjetividade contemporânea.

Nem Freud e nem Lacan se utilizaram do significante “gênero” em seus ensinamentos. Contudo, muitos mal-entendidos ocorreram dessa relação



Joe Webb - Selected collages - Stirring up a storm web

entre os estudos de gênero e a psicanálise freudiana e lacaniana. Leguil abre a discussão com autores próprios dos estudos de gênero como Butler e Monique Wittig para apontar como Lacan pensou o “homem” e a “mulher” e, nesse imbróglio, ultrapassa o binarismo, apontando para aquilo que sempre escapa ao simbólico. A autora se deixa ensinar pelos estudos de gênero, ao mesmo tempo em que aponta a especificidade da psicanálise diferenciando-a.

Gênero, “[...] mais do que uma norma, um estado ou um atributo do ser, é um caminhar, um percurso, um vir a ser” (LEGUIL, 2016, p. 88). Dessa forma, a proposta é pensar o gênero mais na lógica do encontro, sob o regime da contingência, do que de qualquer determinismo possível.

Utilizando de casos da literatura, como o livro do Édouard Louis (2014) “En finir avec Eddy Bellegueule” e da Catherine Millet (2008) “Jour de souffrance” e de filmes como “Les Garçons et Guillaume, à table!”, a autora constata, na experiência do caso a caso, os impasses e as soluções de cada um para lidar com o seu ser sexual.

Por meio da fala, e também por esse toque de loucura que constitui o charme de cada um, entre a insustentável leveza e a inquietante estranheza, o gênero pode então advir como uma nova tessitura de nosso ser. Uma tessitura que não mais estorva, mas faz cintilar as palpitações do vivo (LEGUIL, 2016, p. 205).

O gênero estaria entre a inquietante estranheza e a insustentável leveza pois despoja o ser de qualquer saber prévio e se relaciona com o programa pulsional. Não está desatrelado daquilo que é abjeto, do fora de sentido, e que surge através do corpo e na relação com o Outro.

Referências

LEGUIL, C. *O ser e o gênero: homem/ mulher depois de Lacan* - Belo horizonte: EBP Editora, 2016.

LOUIS, E. *En finir avec Eddy Bellenguele*. Paris: Seuil, 2014.

MILLET, C. *Jour de souffrance*. Paris: Flammarion, 2008.

MULHERES E DISCURSOS

Bruna do Vale

Associada do Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB)

A mulher é algo que faz questão, um enigma em suas diversas faces, contadas uma a uma. Por assim se fazer, coloca em cheque o universal, destacando a singularidade e a subjetividade de cada falasser. Com sutileza, Marie-Hélène Brousse(2019), no livro *Mulheres e discursos*, nos apresenta esse mundo por meio de diversos significantes que marcam os discursos da época.

Como exemplo, temos atualmente a presença de lutas feministas, antirracistas etc., que, mesmo sendo essenciais, acabam por definir corpos. Trazem consigo, muitas vezes, a dureza de uma ordem que estabelece quem fica e quem sai, quem está dentro e quem está fora, com objetivo de incluir todos os corpos em um universo só, fala-se de igualdade, mas marca-se uma diferença. São discursos, constituem um modo de gozo articulado a uma sociedade. A eles atribuímos sentido de castração ligados à uma ordem simbólica (BROUSSE, 2019).



Eugenia Loli - Concurrent Streams - 2017

Se trago isso é para pontuar que o feminino tratado na psicanálise aponta para a direção da ex-sistência do mundo do discurso. “Ele está fora do mundo do discurso. Expulso do sentido fálico, expulso do Φ , não responde muito bem à unidade da castração” (BROUSSE, 2019, p. 31). Entretanto, os discursos, que se apresentam com significantes mestre na atualidade, deixam marcado esse ponto fora da ordem que aparece como o que resta, que faz furo mesmo que permita a construção de um semblante de identidade.

Isso é interessante e, ao mesmo tempo, confuso. Ao apontar a possível existência de diversos sujeitos, apresenta uma pluralização das identificações, mas recai numa infinita divisão das massas, ou seja, os sujeitos acabam por se identificar a significantes-mestres que os reduzem a dados cifrados, tornando-se ferramenta que o discurso capitalista acaba por fazer uso. Assim, “A multiplicidade de identificações não modifica em nada seu modo de funcionamento. Elas permanecem no Outro” (BROUSSE, 2019, p. 72) e não ao lado do sujeito. Dessa forma, Brousse vai elencando as formas como os significantes-mestres vão se colocando na atualidade com o que ainda permanece como esse Outro ordenador e com o que do corpo feminino faz função de Nome-do-Pai, esse como efeito de simbólico no real.

O que quero dizer com isso? Que o nome-do-pai, como função simbólica, faz furo. E o que esse furo quer dizer? Trata-se de um furo de nomeação, e por isso ele fabrica um sentido. A metáfora paterna efetua um Um entre o pai e a mãe dos supostos homens e mulheres. Isso produz um inconsciente que ex-siste ao corpo, que não tem relação com o corpo, que faz dele um puro ser de discurso, no qual o corpo feminino entra em função. Função de quê? De mãe, de mulher, de irmã, de filha... Além disso, qualquer outra função é ligada a isso (BROUSSE, 2019, p. 30).

Assim, isso que faz função implica nas identidades, que estão ligadas ao reconhecimento dado pelo Outro, perpassando a significantização do corpo (LACAN, 1954/1992). Significantes como identidade, gênero, minorias, por exemplo, designam a indefinição de um todo por

apresentarem a ineficácia do sistema binário, não há só duas definições, entre o zero e o um há um infinito (LACAN, 1972-73/1985). Multiplica-se os significantes-mestres e, conseqüentemente, a segregação, a qual traz uma lógica de apropriação e desapropriação própria do capitalismo, troca-se o sujeito dividido pelo sujeito da ciência (BROUSSE, 2019).

Para responder a isso, a psicanálise vai pela via da subversão, do gozo pelo desejo, o que implica passar de uma lógica da identidade, em que vários podem se identificar a uma coisa/traço/pessoa, para uma lógica da posição de gozo, que é do Um, passa-se de um processo simbólico para um processo real (BROUSSE, 2019). Tratar disso parece implicar impasses que o próprio desconhecido oferece. É se deparar com a falta de palavras, a ausência de significantização.

É isso que Brousse propõe desenvolver ao longo do livro, apresentando os discursos do mestre que aparecem e indicando como o feminino os atravessa com a pretensão de indicar possíveis direções de tratamento. Como já cantava Caetano (1991): “alguma coisa está fora da ordem”, é justamente isso que faz interesse para a psicanálise, por dar acesso a uma feminização em meio a um discurso viril, colocando-o ao avesso e levando-a à posição de ficção.

Referências

BROUSSE, M. H. *Mulheres e discursos*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2019.

LACAN, J. (1954). *O seminário, livro II: o eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992

LACAN, J. (1972-73). *O seminário, livro XX: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

VELOSO, C. *Fora da ordem*. Rio de Janeiro, 1991.

QUE NOS RESTOU DE DUAS CONVERSÇÕES DE LABORATÓRIOS, ON-LINE?

Daniela Nunes Araujo*

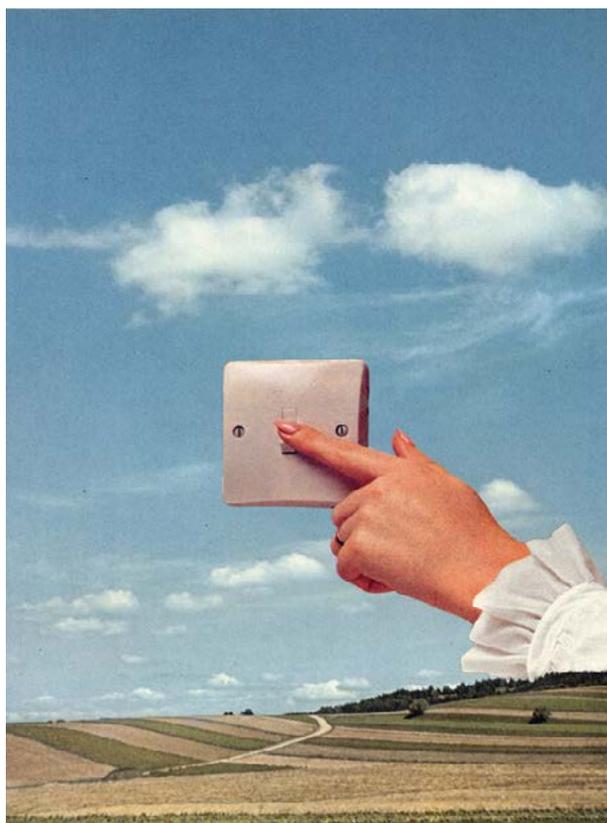
Vanessa Serpa Leite

Associadas do Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB)

*Coordenadora adjunta do CIEN (Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança) Bahia

Nos dias 07 de maio e 04 de junho de 2020, o CIEN Bahia, representado pelo laboratório *A criança e o jovem na hipermodernidade* de Salvador e por um novo laboratório, agora em formação, intitulado *O que vem com o adolecer: muito mais do que se diz*, de Teixeira de Freitas, promoveu duas conversações, de forma *on-line*, sendo a primeira *A criança abrigada entre os discursos, o laço social e suas deficiências* e a seguinte *Impasses e desafios na formação de um laboratório do CIEN*.

Tivemos a oportunidade de conversar com diversas pessoas envolvidas com o CIEN no Brasil por meio da plataforma *zoom*, dispositivo *on-line* favorecido por conta do distanciamento social o qual fomos submetidos



Joe Webb - Selected collages - Good Night

neste momento em que o vírus COVID-19 assola o mundo, interrompe o encontro de corpos, não sem deixar efeitos na criação de novas possibilidades de manutenção da transferência de trabalho. Dessa forma, interagimos com um grupo de cerca de 30 pessoas que se encontravam em diversas cidades brasileiras e participaram ativamente trazendo contribuições e questões em ambas conversações.

Na primeira conversação proposta, o tema disparador foram os efeitos de um trabalho realizado entre final de 2019 e início de 2020, em um abrigo de crianças e jovens, através de uma vinheta prática: o laboratório destacou elementos a respeito da demanda inicial de trabalho na instituição, a qual surgiu a partir do que parecia restar de trabalhos antecedentes de faculdades que faziam intervenções com distintos atores do abrigo, entretanto de forma menos intensa com os cuidadores de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, mas que tinham suas questões e impasses.

As conversações nesta instituição, efetivamente, ocorreram de forma não tão fácil: contingências e justificativas variadas se passaram, de modo que as conversas estiveram, por vezes, impossibilitadas. Entretanto, o esforço das participantes foi o de tornar, de alguma forma possível, a circulação da palavra. Esta especificidade institucional parecia denunciar algo: a dificuldade do encontro, entre eles, equipe de profissionais que ali trabalham. Onde havia faltas, doenças, equipe incompleta, saídas inesperadas de funcionários para resolver as urgências institucionais, o laboratório trabalhou para que as pessoas pudessem falar desses buracos e não só buscar tapar incansavelmente essas faltas, desnaturalizando o que se evidenciava.

Uma das questões emergidas nesta primeira conversação provocou as praticantes do laboratório a elaborarem mais a respeito do modo de responder e perceber a demanda dos funcionários da instituição, onde ora aparecia uma dificuldade de sustentar essas conversações e ora parecia direcionarem a demanda para um saber pronto, respostas para os dilemas vivenciados naquele ambiente. Questão essa que, à medida que a palavra circulava neste momento *on-line*, nos fez retornar ao conceito de *analisante esclarecido*, ou seja, conversamos sobre como nossa postura de manter as conversações nas condições descritas, seja com o número de participantes presentes e possível, possibilitou que

se falasse “a respeito do furo”, da falta de profissionais em número suficiente de modo a um trabalho efetivo. Dessa forma, concluímos que cabe ao *analisante esclarecido*, diante da ética da psicanálise, não recuar ante o que aparece como sintoma na instituição, e sim abrir o *vazio pulsante* para produção de saber.

Para que se preserve um *vazio pulsante* na conversação e, conseqüentemente o trabalho dos participantes, é fundamental a presença de ao menos um *analisante esclarecido* – na precisa expressão cunhada, há muitos anos, por Beatriz Udenio -, que possa sustentar uma posição de não-saber. “Trata-se muito mais de despojar-se de toda expectativa de tornar-se célebre” (UDENIO, 2018, p.59) como um mestre que traria alguma “verdadeira” solução para o impasse, ao invés de estar numa posição de dentro-fora, visando o *vazio pulsante*. Assim, a posição do *analisante esclarecido* numa conversação do CIEN está diretamente relacionada a uma posição de *êxtimo* (MAIA, 2019).

Como o trabalho de um laboratório do CIEN pode então lidar com as demandas? Esta parece ter sido uma questão que perpassou, não apenas a primeira, mas também a segunda conversação *on-line*. O que podemos circunscrever em um trabalho de laboratório, a que demandas responder ou não, a quais demandas demarcar um limite e com quais efetivamente trabalhar como impasses a circular em forma de palavras? Essas poderiam ser perguntas extraídas como efeitos destes dois momentos.

O que é um laboratório do CIEN? A partir deste disparador, a segunda conversação trouxe então duas experiências de tentativas de construção de novos laboratórios um tanto opostas: enquanto em uma das experiências a demanda de trabalho parecia não estar circunscrita com tanta clareza nos profissionais de uma emergência pediátrica, na outra experiência discutida, com profissionais da área da educação, os participantes se viram embaraçados diante do excesso de demandas.

Circulou, assim, uma nova questão na segunda conversação *on-line*: se seria possível fazer abertura para uma demanda em uma prática de laboratório. Neste caso, um laboratório constituído por pessoas que trabalham na mesma instituição onde se propõe as conversações, é viável? Já não foi a primeira vez que aqui na Bahia nos fizemos esse questionamento, do mesmo modo que percebemos a dificuldade de se trabalhar no âmbito da saúde, principalmente com atores como médicos, que nos transmitem uma dificuldade maior para se colocarem com impasses e furos de saber.

Também pudemos extrair deste momento a atenção e o cuidado que os participantes de um laboratório devem ter para se limitar a demanda quando o excesso dela aparece. A prática de um laboratório em instituições tem início e tem fim. Portanto, aí se encontra a importância de circunscrever os impasses geradores, não sem poder acolher, de futuro, outras demandas a novos trabalhos, mesmo que em um mesmo local.

Apareceu, principalmente para quem está começando com as práticas de laboratório, a questão a respeito do desafio de se fazer a torção da demanda. Uma demanda de respostas prontas por parte dos participantes, ou mesmo de palestras, de atendimento clínico: que seja transformada em um trabalho de conversação inter-disciplinar, onde não há um mestre, mas impasses que circulam em busca de um “fazer-saber” novo a se construir. É também a torção que faz furo e viabiliza uma conversação.

E por fim, quando podemos entender que um laboratório se constituiu? Essa é uma pergunta que também se associou à questão da demanda, mas não apenas a ela e sim a prática, a experiência, o que se constrói a partir dela. Caberia a cada participante checar como se coloca nessa experiência, podendo ter claro um campo de investigação e o impasse de cada um. Há uma ética que não é a do bem, senão do bem-dizer.

Cabe lembrar, como bem apresentado no próprio Blog do CIEN Brasil, que a coluna vertebral é a psicanálise de orientação lacaniana. O que se propõe com as práticas é abordar as dificuldades encontradas por crianças e adolescentes no laço social, mas de forma inter-disciplinar. As conversações sobre as conversações ilustram como a prática é susceptível de transformar. Que os participantes, sejam eles crianças,

jovens, ou profissionais que com eles trabalham, possam encontrar um lugar onde enderecem seus sofrimentos e possam criar suas próprias soluções. Ou seja, quando o real se apresenta sob a forma de um impasse, o CIEN convida à conversação. “O impasse na prática interdisciplinar, muitas vezes, é efeito de um acontecimento real que fez corte no cotidiano do trabalho, abrindo a experiência a um tempo de compreender. O CIEN se interessa pelas particularidades dessa abertura” (CIEN BRASIL, 2012). A estrutura deste trabalho se dá, então, em torno de laboratórios que se colocam a trabalhar numa investigação, a partir de um tema escolhido que causa a conversa de seus integrantes.

Para concluir, ao relatarmos a experiência a gente se escuta e isso produz efeitos. Uma conversação de laboratórios não existe sem as consequências. É ao nos darmos conta desses efeitos novos que ecoam em nós, que percebemos que uma conversação de fato existiu. Seja uma conversação da prática de um laboratório em alguma instituição, seja uma conversação proposta para se discutir um tema qualquer, seja uma conversação que tenha como disparador um filme, ou mesmo uma conversação entre os próprios participantes de um laboratório, além daquelas que se dão de forma aberta, entre laboratórios. Fato é que essas duas conversações propostas pelo CIEN Bahia, mesmo no modo *on-line*, muito nos provocaram e já repercutiram em outros momentos de encontros, assim como na efetivação de um novo laboratório, agora em formação.

Referências

CIEN Brasil. Blog CIEN Brasil, 2012. Disponível em: <http://cien-brasil.blogspot.com/p/cien.html> Acesso em: 16 nov 2020.

MAIA, A. *O infamiliar e o íntimo nas conversações inter-disciplinares do CIEN*. Em: CIEN Digital, n 23, nov 2019.

lapsus
Publicação dos
Associados do IPB



Instituto
de Psicanálise
da Bahia



ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)

Av. Anita Garibaldi, 1211. 2º andar. Ed. Central Pinheiro. Salvador. Bahia

Tel.: (71) 3235-9020

www.institutopiscanalisebahia.com.br/lapsus